

HOMERO ODISSÉIA

Em Verso Português
por
MANOEL ODORICO MENDES



eBooksBrasil

Odisséia
Homero

Tradução de
Manoel Odorico Mendes (1799-1864)
Prefácio de
Prof. Silveira Bueno

Fonte digital
Digitalização da 3ª edição
Biblioteca Clássica

sob a direção de
G. D. Leoni
e
Paulo R. Teixeira
Atena Editora
São Paulo

Imagem da Capa
Ulisse e le sirene. Mosaico pavimentale romano al
Museo del Bardo a Tunisi. II secolo d.C.
Foto: Giorces
Fonte: Wikipedia

Versão para eBook
eBooksBrasil

© 2009 Homero

USO NÃO COMERCIAL * VEDADO USO COMERCIAL
ÍNDICE

eBooksBrasil:
Nota Editorial
Prof. Silveira Bueno:
Prefácio

Homero traduzido por
Odorico Mendes:
ODISSÉIA
Livro I
Livro II
Livro III
Livro IV

Livro V
Livro VI
Livro VII
Livro VIII
Livro IX
Livro X
Livro XI
Livro XII
Livro XIII
Livro XIV
Livro XV
Livro XVI
Livro XVII
Livro XVIII
Livro XIX
Livro XX
Livro XXI
Livro XXII
Livro XXIII
Livro XXIV

Nota Editorial

Começo compartilhando com o eventual leitor uma curiosidade que sempre tive: como na Odisséia o herói é Ulisses e não Odisseu? É bem certo que Odorico Mendes utiliza para os deuses e heróis os equivalentes latinos, o que já foi observado por mais de um.

No caso, é interessante notar como Odisseu (Ὀδυσσεύς) se tornou Ulisses. Como nos informa a Wikipedia no verbete Odysseus: “O nome tem

diversas variantes: Olysseus (Ὀλυσσεύς), Oulixeus (Ουλίξεύς), Oulixes (Ουλίξησ) e foi conhecido como Ulisses em Latim ou Ulixes na mitologia Romana”. — Refere-se ainda ao verbo como odussomai (οδυσσομαι), com o significado que lhe empresta a nota ao Livro XIX da fonte digital.

Agora, às notas desta edição, referentes às modificações feitas em relação ao livro digitalizado e o que foi mantido quando alguns poderiam recomendar que atualizações fossem feitas. Prefiro indicar o que foi feito, deixando ao leitor concordar ou não com elas. De antemão alerta que a maioria refere-se ao uso do diacrítico, tão útil, mas cada vez mais desprezado a cada reforma ortográfica. Dia chegará em que, para esclarecer um texto, só mesmo indo às fontes antigas. Uma pena!

Agamemnon, Agamêmnon, Agamémnon ou Agamenon? Em grego, Ἀγαμέμνων, o que, transliterado, seria Agamémnon. Na fonte digitalizada aparece como Agamenon. Mantendo consistência com a edição feita da Ilíada no eBooksBrasil, substituído por Agamemnon. Fica aqui a ressalva. O mesmo ocorreu com Clitemnestra, Clitenestra na fonte digitalizada.

Substituído embubescida por enrubescida (I,343). Conservado dextra em vez de destra. Conservado o diacrítico em pêlo. Diacrítico mantido em “Bons espetos sustêm qüinqüedentados” (II,361). No Livro IV, 103: “Em maravilhas celebre”

— Odorico usou o original latino celebre em vez de grafar célebre, talvez pelo ritmo poético. Talvez seja apenas erro tipográfico. Na dúvida, mantive celebre, como na fonte digitalizada, com a presente ressalva.

Conservado o diacrítico em vôlto. Por exemplo, no Livro V,20, deixa claro que fala dirigindo a Mercúrio e não que retorna a Mercúrio. No Livro VIII,191, sem ligeiros foi substituído por sim ligeiros pelo sentido do que se segue. No Livro VIII,264: tresdôbro (conservado o diacrítico), pois pode ser que Odorico queria se referir não a três vezes o dobro, mas sim à parte tresdobrada da coberta. No Livro VIII,320: libe à Jove, conservada a crase, de acordo com a fonte digital, mas libe a Jove pareceria mais exato, uma vez que libar significa beber em homenagem a alguém e Jove é masculino. Livro IX,188: fômas, conservado o diacrítico para deixar mais que claro que coloca em fômas e não em formas diversas. Conservada a forma dous, em vez de dois. No Livro IX:429: a aqueles bravos substitui por e aqueles bravos. Poderia, como se fez em outras edições, simplesmente eliminar o a e dizer à parte, mas significaria que, além da parte que lhe coube na partilha, recebera Ulisses mais a ovelha em que fugira. Deixando como está na fonte digital, a parte pode significar que entre as ovelhas recebidas na partilha coube-lhe como parte a ovelha em que fugira. Nas Notas ao livro IX: Cícones, mantido, mas Cícones em outros lugares. No Livro X,19, contêm,

mantido, em vez de contém. No Livro X,215: escondrijo, substituído por escond'rijo. A elisão fica assim explicitada e a métrica preservada. No Livro XV,406: “Vôlto ao filho de Clito”, mantido o diacrítico em vôlto, deixando explícito que fala voltando-se em direção ao filho de Clito e não que retorna ao filho de Clito. Vôlto foi preservado em outros lugares. No XVI,162: apôsto mancebo, conservado o diacrítico. No Livro XVIII,73: Calculando se exâmine o prosterne, substituído por Calculando se exânime, evidente erro tipográfico. No Livro XVIII,235: sêca lenha, conservado o diacrítico. No Livro XVIII,301: “Que alvorôto lamentável!”, conservado o diacrítico. No Livro XIX,13: Na fonte digital “Eia, as mulheres/Retêm, ama, lá dentro” Preservar ou não Retêm? Muda totalmente o sentido. Mudado para Retém, mas poderia ser Retêm no sentido de Retenham. No Livro XIX,426: Iminente é dos príncipes e perda, evidente erro tipográfico. Mudei para Iminente é dos príncipes a perda. No Livro XX,93: Anuncio é para alguém, mudado para Anúncio é para alguém. No Livro XX,226: anôjo, preservado o diacrítico de anojo do verbo anojar. No Livro XX,301: E um monteja a Telêmaco. Substituído por moteja. No Livro XXI,103: Exprimentai, foi explicitada a elisão: Exp'rimentai. No Livro XXI,175: vaquerio na fonte digital. Substituído por vaqueiro, embora a forma vaquerio, como consta na fonte digitalizada também pudesse ser apropriada. No Livro XXI,240: fôra, conservado o diacrítico. No Livro XXII,210: “o peio vara” substituído por “o peito vara”. No Livro XXIII,183: “do colo do sonsorte” substituído

por consorte. No Livro XXIII,220: “a cama afôfa e mórbida estendiam” mantido o diacrítico. Em Nota ao Livro XXIII, substituído José por Josué, por ser evidente o erro tipográfico na fonte digitalizada. No Livro XXIV,214: “capaz doze” substituído por capas doze.

É isso. Boa leitura!

Teotonio Simões
eBooksBrasil

PREFÁCIO

A crítica de todas as épocas reteve sempre que entre a Ilíada e a Odisséia mediou largo tempo, atribuindo a primeira, inegavelmente, superior à segunda, aos anos de maior energia criadora de Homero. A Odisséia, produto dos últimos tempos do Poeta, embora de tão grande valor que outra nenhuma se lhe poderia comparar em toda a literatura clássica, se diferenciava, em muitos pontos, da obra-prima do grande e incomparável cantor da Grécia. Era a Ilíada um poema militar, guerreiro, tendo por escopo principal a narração do que fora essa guerra que terminara com o extermínio de todo um povo, de toda uma cidade, a famosa Ílion. Como devia ser, traz o poema movimentação extraordinária, descrições que nos conservaram as emoções das grandes batalhas travadas entre heróis, tão grandes e tão fora dos moldes humanos que os próprios deuses, como se fossem homens, nelas tomaram parte ativa e decisiva. Tudo na Ilíada respira militarismo, feitos

bélicos, devotamentos e sacrifícios heróicos como nunca mais voltaria a raça humana a apresentá-los na face do mundo. O céu e a terra, os homens e os deuses se confundem ou se aproximam grandemente: o Olimpo não é uma região abstrata, colocada simplesmente no alto, no céu, mas uma real montanha da Tessália, posta entre a terra e o céu, porque os deuses deviam estar próximos dos homens e estes daqueles, de tal modo que as qualidades e até os defeitos se comunicassem de uns para os outros. Muito ao contrário, é a Odisséia um poema de paz, uma criação dos tempos posteriores à tremenda ação guerreira de Ílion, quando todo o povo heleno se refazia da grande empresa e vivia para si exclusivamente, voltado para objetivos puramente sociais e domésticos. Os heróis, como navegantes que retornam de suas longas viagens, reúnem-se nas largas salas dos palácios, das casas ricas, dos chefes de valor incontestado, e aí, num ambiente de tranquilidade, rememoram as vencidas tempestades, os obstáculos superados, e narram, cheios de emoções, as novidades que encontraram, os costumes diferentes que puderam ver, contrastando-os sempre com os modelos da pátria e da gente helena, protótipos e exemplares da perfeição humana. Desaparece aquela tonalidade bélica e a imaginação do Poeta adorna de tons românticos as cenas que poderiam reavivar passadas angústias. Cessa aquela ação guerreira dos próprios deuses: o Olimpo deixa de ser aquela montanha material, geograficamente conhecida,

para tomar aspectos de abstração, de espiritualidade, transformando-se apenas no Céu, nessa região imprecisa e impalpável, acima da terra, que até hoje vive em nossos conceitos modernos. Não descem os deuses, transformados em homens, a combater pela sua gente, mas lá do alto, dirigem, com o pensamento e com a vontade, os destinos dos gregos. O ambiente geográfico é muito mais vasto na Odisséia do que na Ilíada: para esta a região era apenas aquela em que se travava a guerra; para aquela, poema de viagem, poema de aventuras marítimas, estendia-se o mundo para além do Egito, entrava pelo Mediterrâneo além da Sicília. O conceito social amplia-se também, com novas interpretações do direito, da posse da terra, das leis que já regulam de outro modo as relações dos cidadãos. O homem já não é aquele super-homem da Ilíada, o guerreiro amparado pelos deuses ou transformado em verdadeiro deus: humanizou-se, vive para a família, para o campo, sabe apreciar os momentos deliciosos do trato social, dos instantes em que os narradores reúnem toda a família para ouvir as suas façanhas.

A antiguidade clássica, mormente, a alexandrina e ainda mais especialmente a romana, toda feita de belicosidade, de expedições guerreiras, tendo por mais alto ideal a guerra, o militarismo, não poderia ter deixado de dar maior apreço à Ilíada do que à Odisséia. Por isto vemos que desde Pisístrato, que desde os famosos

filólogos de Alexandria, de Pérgamo até Virgílio, em pleno século de Augusto, todos tomaram em primeira plana, com interesse sem limites, a Ilíada e não a Odisséia. Reflete-se esta preferência até na maneira pela qual os sábios de Alexandria dividiram e classificaram os dois poemas imortais: deram a ambos o mesmo número de “livros”, numerando-os com as letras do alfabeto, letras que valiam também por números. Mas aos vinte e quatro livros da Ilíada, apuseram as letras maiúsculas do alfabeto grego; aos vinte e quatro livros da Odisséia apuseram as letras minúsculas. Virgílio, quando quis escrever a Eneida, não tomou por modelo a Odisséia, mas a Ilíada: ele devia narrar, fantasticamente, os feitos militares da gente romana, as suas conquistas, a força da sua espada, a coragem dos seus heróis: não poderia procurar, para tamanho quadro bélico, outro modelo que não fosse o da Ilíada. A Odisséia representava uma época posterior à das guerras, das convulsões, da conquista do mundo: ficaria para modelo dos que, mais tarde, quisessem narrar os feitos de civilização romana quando o mundo conhecido fosse apenas o “mundo romano”, dirigido e governado pelas leis de Roma, falando até a mesma língua latina.

Para nós, gente que o cristianismo civilizou e domou, que temos horror à espada e só aspiramos às batalhas do espírito, a Odisséia é o poema preferível, que mais dentro se encontra do nosso ideal, descontados os séculos e levados em conta os modos diferentes da interpretação social. Por

isto, desapareceu, pouco a pouco, o interesse que a antiguidade devotou à Ilíada e foi sempre crescendo o valor da Odisséia. O poema de Virgílio, embora calcado no poema de Homero, por tal maneira o eclipsou em toda a Idade-Média, que ninguém mais se deu ao trabalho de o ler diretamente em grego, contentando-se com as referências latinas dos famosos e formosos hexâmetros virgilianos. Nem mesmo o Renascimento conseguiu restabelecer o prestígio da Ilíada porque o valor quase mítico de Virgílio cresceu ainda mais nessa época em que todas as inteligências se voltavam a Atenas e a Roma.

A Odisséia, com as suas narrativas fabulosas, com os dados de conhecimento geográfico e social da antiguidade, passou a ocupar a primeira plana no interesse europeu. Basta lembrar as inesquecíveis aventuras de Telêmaco, ainda mais depois que foram postas em francês pela pena admirável de Fénelon: fizeram as delícias dos príncipes e dos plebeus, foram a leitura essencial de todas as escolas da Europa, chegando até nós no Brasil.

Odorico Mendes, certamente, um caso raro nas letras nacionais, o maior humanista que já tivemos em nossa pátria, quase fabuloso por ter conhecido tão perfeitamente a literatura e a língua grega, ao ponto de verter para o nosso idioma os dois poemas que embalsamaram para a eternidade a Grécia, não conseguiu fugir aos preconceitos do seu tempo, e melhor ainda, à formação intelectual

da sua personalidade. Traduziu primeiro a *Ilíada* e somente nos seus últimos tempos, a *Odisséia*. Como aconteceu ao próprio Homero, a sua primeira tradução, obra dos seus dias mais jovens, foi mais esmerada que a segunda, quando já o seu valor físico declinava. Nem por isto a *Odisséia* desmerece da *Ilíada*, na pena de Odorico Mendes. Traduziu-a em versos portugueses, escolhendo, como era da praxe literária, o decassílabo heróico. Traduziu-a em versos e por que não o fez em prosa, como têm preferido os tradutores mais modernos? Era ainda a um preceito literário do tempo a que obedecia o humanista brasileiro: não se concebia um poema e da fama da *Odisséia*, em prosa, veste menos digna das grandes criações do gênio épico. E daqui procedem todos os obstáculos encontrados pelo tradutor: como encerrar, na exiguidade do decassílabo português, a majestosa extensão do hexâmetro grego, do metro homérico? Tinha o poeta maranhense de comprimir, em dez sílabas, as quatorze, as dezesseis do verso clássico. Para tanto, teve de sacrificar muitas palavras, de recorrer a expressões mais sintéticas, para que o limite imposto pela exigência do decassílabo português não fosse transgredido. Nesse trabalho, encontrou ainda Odorico Mendes outro óbice não menos difícil de vencer: o vocabulário, as expressões técnicas, os modismos gregos de que tanto se valeu Homero para tornar-se universalmente famoso. Neste ponto, houve-se o tradutor maranhense com a mesma habilidade com que se houveram os italianos, os franceses: não só traduziu, mas, especialmente,

colaborou, num grande esforço de adaptação vocabular. Como já havia feito Camões, passou diretamente do grego para o português palavras e palavras, sem a menor adequação fonética. Outras vezes, compôs, com elementos gregos, vocábulos que correspondessem ao termo intraduzível por não encontrar correspondente nos dicionários da língua portuguesa. Nunca o fez, porém, irrefletidamente: procurou sempre apoiar-se nos clássicos do nosso idioma e quando estes falharam, nos tradutores que o haviam precedido, principalmente, no italiano Ippolito Pindemonte. Basta ler as notas apostas a cada um dos cantos para que se veja com que cuidado procurou explicar e defender a introdução dos termos que teve de forjar. Como antes de traduzir Homero já havia traduzido Virgílio, serviu-se Odorico Mendes, nas suas dificuldades vocabulares, do tesouro latino que a Eneida lhe oferecia e

também do grande exemplo que lhe deixara Camões. Assim, aproveitou-se largamente dos latinismos camonianos, ou digamos mais corretamente, dos latinismos do Renascimento, comuns ao épico português e aos demais autores europeus. Logo no primeiro canto enumeramos: equóreo ponto, claro Hiperiônio, prole, sevo, cava gruta, deidades,, ilha circúnflua, nemorosa, salso abismo, holocaustos, celícolas, olhicerúlea, ínsula, fexípides bois, ovelhas pingues, érea afiada ponta, metuenda, crateras (taças), deiforme, dedáleo, cítara ebúrnea, negropélago vaso (navio), ilha circunfusa, áugur, numes, arcano, carmes, ledos,

inultos, prosápia, etc. Sempre cingido aos ditames da escola clássica, usa o tradutor de expressão elevada e poética, de ordem inversa e tono altivo, como se fosse ele próprio o declamador dos versos. O verso branco, destituído de rima, não porém o verso livre, duas espécies que muitos freqüentemente confundem, dá ao poeta maior liberdade, mantendo-se apenas o ritmo que é a essência mesma da poesia. Para os nossos ouvidos modernos, haverá, na Odisséia de Odorico Mendes, encontros de consoantes, seqüências de vogais menos harmoniosas: devemos, entretanto, ler esta obra dentro do tempo em que foi feita. Somente Gonçalves Dias e muito mais tarde Fagundes Varela, e mais tarde ainda Vicente de Carvalho levam superioridade sobre o maranhense no manejo deste verso branco. Difícil é, contudo, a sua linguagem, dirão outros, difícil pelo vocabulário especial de que usa, difícil pelas inversões da frase: é verdade e disto dou um testemunho de meus anos já bem idos: quando estudante de grego, traduzindo exatamente a Ilíada, tinha por professor o maior helenista que já conheci, o Cônego Macário Sars, da ordem premonstratense, homem que sabia Homero de cor e meditava em grego, muitas vezes, para entender a tradução de Odorico Mendes, recorríamos ao texto original. Para o meu professor, talvez porque fosse holandês, era mais fácil entender Homero em grego do que Homero no português de Odorico Mendes. A causa já ficou acima explicada: o vocabulário renascentista que empregou, as criações neológicas de que teve

necessidade de usar. Claro está que obra como esta não se põe em mãos de principiantes, nem sob os olhos dos que ainda se deleitam com histórias em quadrinhos ou com romances policiais. Homero será sempre, seja lá a língua em que for vertido, um manjar de exigências finas, leitura de poucos eleitos, daqueles que já se alçaram além da craveira comum e podem, do alto, retroceder a vista para os tempos gloriosos da cultura clássica.

A reedição de obra de tal valia, o reaparecimento desta Odisséia onde palpita o sopro de um talento que o Brasil vivificou, vem comprovar, com grande alegria para todos nós que envelhecemos sobre as páginas da civilização antiga, que a nossa juventude brasileira já se vai incorporando a esses escolhidos de Jedeão, cujos joelhos não se curvam perante as facilidades improvisadas e efêmeras das produções literárias de somenos, mas galhardamente enfrentam, de pé, as dificuldades oferecidas pelas obras-primas do gênero humano. Não malbaratam os jovens o seu precioso tempo nessas frivolidades que bem marcam a decadência intelectual do mundo, nesses romances, nessas poesias que duram tanto quanto podem durar os sons das palavras ocas, mas todos se voltam aos monumentos da genialidade antiga, aos pilares da arte clássica, pilares eternos, sempre firmes e inabaláveis embora as águas tumultuosas dos séculos tentem corroer-lhes as bases. Por que hei de ler fulano e beltrano, gente de hoje, que comigo cresceu, que

não sabe mais do que aquilo que também eu pude aprender, que não produziu nada que também eu não pudesse produzir, quando ainda não li Camões, Cervantes, Dante, Shakespeare, Milton; quando ainda não conheço Virgílio e lá, no fundo das idades, esse divino Homero? Eis o raciocínio que já fazem os nossos jovens estudantes e, acertadamente, pensam que sem o conhecimento desses pináculos da criação literária, jamais poderão, também eles, aspirar a alturas que se avizinhem desses píncaros da genialidade humana. Mas como ler Homero se não o temos ao alcance dos nossos olhos? Já muitos podem lê-lo diretamente em grego, auxiliados pelos comentários literários e filológicos, e agora todos o poderão ter, nesta Odisséia de Odorico Mendes, em sua língua materna, em português.

Este é um dos sintomas felizes desse verdadeiro Renascimento por que vai passando o Brasil, mercê da criação das Universidades, e, especialmente, das Faculdades de Letras. Criada que foi a primeira dentre todas, primeira pela cronologia, primeira pelos trabalhos de valor já publicados, a nossa de São Paulo, imediatamente começou a operar-se o milagre da renovação cultural. Até então, eram as livrarias de obras usadas os repositórios dos melhores livros de literatura: na umidade dos porões, na esterilidade da poeira das estantes, jaziam, esperando pelo seu vale de Josafá, as melhores criações européias e nacionais. Quem desejava um bom livro, um autor

clássico, ia procurá-los nesses cemitérios da inteligência ou nesse purgatório dos grandes escritores, salvando hoje esta alma, salvando amanhã aquela, trazendo à luz da vida um Camões, um Horácio, um Virgílio que lá dormitavam há séculos. Percorra-se hoje uma dessas livrarias: não se encontrará nada de valor para adquirir. Mais ainda: já não existem tais livrarias de livro usado: na falta da mercadoria, tiveram de transformar-se, comprando e vendendo livros novos. Ao lado destas transformações, criaram-se outras puramente científicas, especializadas, onde só se vendem obras de valor, as coleções dos clássicos, os grandes poemas das literaturas mais antigas. Quem possui um bom autor, um livro de valor, não o vende, não se desfaz dele: guarda-o como um tesouro. Eis a grande consequência das Faculdades de Letras. Saber latim, saber grego, já deixou de ser mistério dos cursos de seminário. Há já um grande número de rapazes, de meninas, que pode competir com os reverendos padres no conhecimento de Cícero, de Virgílio, de Homero ou de Demóstenes. Esgotam-se as remessas de livros didáticos, de gramáticas e de manuais, como se esgotam as coleções dos clássicos, levando todos em mira o ter o melhor texto, as melhores edições, conhecendo muito bem o valor deste e daquele comentador. Que prazer não é para nós entrarmos numa classe de letras e vermos aí essas fronte jovens, curvadas, atentas, pesquisando uma passagem de Tácito, discutindo a métrica dos versos arquílocos, procurando saber se a

cesura pode cair ou não no quarto pé de um troqueu, como fez Homero na Odisséia, ou se o decassílabo camoniano, com a cesura na quinta sílaba está errado ou se pertence a outra versificação, a lemusina, diferente da renascentista italiana. Para completar este prazer, eis que aparece esta nova edição do grande poema homérico, na tradução de Odorico Mendes. Podem agora os eruditos, os estudiosos das nossas Faculdades de Letras, comparar o trabalho do grande maranhense com o texto original, vendo e apreciando as dificuldades vencidas pelo tradutor e também as deficiências do seu trabalho feito numa época em que os problemas da filologia clássica ainda não haviam chegado ao Brasil. Tenho a esperança de ver, dentro de pouco tempo, edições de Homero, não com um prefácio modesto qual este meu, mas com introduções filológicas, onde se discutam os grandes problemas da existência real e pessoal do divino Poeta, da unidade arquitetural da Ilíada, da Odisséia, da comprovação histórica de tais poemas pelos descobrimentos arqueológicos mais modernos, pelo estudo acurado da língua de Homero, da metrificação por ele usada, dos versos meramente supranumerários e dos verdadeiros interpolados, aparato científico e necessário para edições realmente filológicas. Já estamos em condições de executar tal trabalho de alta filologia clássica? Perfeitamente: dispomos de materiais mais do que necessários, conhecendo as grandes edições como a de Victor Bérard, de Ernesto Drerup, de Laurand, de André Lang, Leaf, Monro,

Blass, Bréal, para citar apenas alguns dos mais importantes estudiosos da questão homérica. Se ainda há alguns retardatários que repetem as defuntas idéias de Wolf e as já falecidas teorias de Croiset, a juventude que está saindo da nossa Faculdade de Letras já pode repetir com Bérard:

“J’ai connu le temps où le dernier du ridicule, pour un homérisant, était de croire à l’existence d’un auteur dont on lisait les ouvrages. On est aujourd’hui le dernier des ignorants si l’on ose mettre en doute que l’Illiade et l’Odyssée, de leur premier vers au dernier, ont été rédigées par le Poète aveugle et par lui seul”. (L’Odyssée d’Homère-Préface — pg. 10).

Com os meus parabéns aos editores desta reedição da Odisséia de Odorico Mendes ficam estas minhas esperanças dessa edição crítica e anotada que eles poderão fazer e que a mocidade estudiosa do Brasil espera em seu renascido gosto a estas obras imortais do espírito humano, do trovador grego tão grande e tão extraordinário que foi chamado por todos os séculos mais gloriosos da Grécia e de Roma, simplesmente o Poeta, com p maiúsculo, acrescentando-lhe depois a cultura humana o epíteto de Divino, — HOMERO.

Junho de 1954, quarto centenário de São Paulo.

PROF. SILVEIRA BUENO

HOMERO ODISSÉIA

Em Verso Português
por
MANOEL ODORICO MENDES * * *

LIVRO I

Canta, ó Musa, o varão
que astucioso, Rasa Ílion
santa, errou de clima em
clima, Viu de muitas nações
costumes vários. Mil transe
padeceu no equóreo ponto, 5

Por segurar a vida e aos seus a volta;
Baldo afã! pereceram, tendo insanos
Ao claro Hiperião os bois comido,
Que não quis para a
pátria alumiá-los. Tudo, ó
prole Dial, me aponta e
lembra. 10

Da guerra e do mar sevo
recolhidos Os que eram
salvos, um por seu
consorte Calipso, ninfa
augusta, apetecendo,
Separava-o da esposa em cava gruta.
O céu, porém, traçou,
volvendo-se anos, 15
De Ítaca reduzi-lo ao seio amigo,

Onde novos trabalhos o aguardavam:
De Ulisses condoíam-se as deidades;
Mas, sempre infenso,
obstava-lhe Netuno, Este
era entre os Etíopes
longínquos,

20

Do oriente e ocidente
últimos homens, Num
de touros e ovelhas
sacrifício
A deleitar-se; e estavam já no alcáçar
Do Olimpo os
habitantes em concílio.
O soberano, a recordar
Egisto

25

Do Agamenônio Orestes imolado,
Principia: “Os mortais ah! nos
imputam, Os males seus, que
ao fado e à própria incúria
Devem somente. Contra o fado
mesmo, Do porvir não cuidadoso,
há pouco Egisto, 30

Em seu regresso o Atrida
assassinando,
Esposou-lhe a mulher,
bem que enviado O
Argicida sutil o
dissuadissem:

— De o matar fuge e
poluir seu leito; Senão,

tem de vingá-lo,
adolescente

35

Sendo investido no seu reino Orestes. —
Mercúrio o amoestou,
mas surdo Egisto, Os
delitos por junto expia
agora”.

A quem Minerva: “Sumo
pai Satúrnio, Jaz com razão
punido esse perverso; 40

Todo que o imitar, com ele acabe!

Mas a aflição de Ulisses
me compunge, Que, há
tanto longe dos amenos
lares, Em ilha está
circúnflua e nemorosa, Lá
no embigo do mar; onde é
retido 45

Pela filha de Atlante onisciente,
Que o salso abismo sonda,
o peso atura Das colunas que
a terra e o céu demarcam. A
deusa com blandícias o
acarinha; De Ítaca ele
saudoso, o pátrio fumo 50

Ver deseja e morrer. Não
te comoves? Irritou-te
faltando, em sua amada

E em Tróia, com ofertas e
holocaustos?” E o
Junta-nuvens: “Que proferes,

filha, Do encerro dessa
boca? eu deslembrar-me 55

Do mortal mais sisudo, o
mais devoto, Aos
celícolas pio e dadivoso!

Da terra o abarcador é
quem o avexa, Por ter do
olho privado a Polifemo, O
mor Ciclope, que, num
antro unida 60

A Netuno, pariu Toosa, estirpe
De Fórcis deus do pego
insemeável. O

Enosigeu d'então lhe
poupa a vida, Mas de
Ítaca o arreda.

Provejamos

Na vinda sua; aplaque-se Netuno:
65

Só contra todos contender
não pode”. A Olhicerúlea: “Ó
padre, ó rei supremo, Se vos
praz que à família torne
Ulisses, Da ínsula Ogígia à
ninha emadeixada Mercúrio o
intime, o herói prudente parta.

70

A Ítaca baixo a confortar o filho:
Os comantes Argeus
convoque ousado; Suste
aos vorazes procós a
carnagem De flexípedes

bois e ovelhas pingues.
Dali, na Esparta e na
arenosa Pilos,

75

Do amado genitor se
informe e indague, E entre
humanos obtenha ilustre
fama”. Já liga alparcas de
ouro incorruptíveis, Que a
propelem como aura pelas
ondas Ou pelo amplo
terreno; a lança empunha

80

De érea afiada ponta e desmedida,
Com que turmas de heróis
desfaz metuenda, Progênie
de tal pai. Do Olimpo frecha;
Em Ítaca, ao vestíbulo de
Ulisses

Tem-se, e de hasta na
destra, parecia 85

O hóspede Mentos
campeão dos Tálios. Ao
pórtico acha intrusos
pretendentes Sobre
coiros de bois que morto
havam, Os dados a
jogar. Servos e arautos
Misturam nas crateras

água e vinho, 90

Ou com povosa esponja
as mesas pulem, E

partem nelas abundantes
carnes.

Distante a vê Telêmaco deiforme:
No meio, taciturno e consternado
No genitor pensava,
que expulsá-los 95

E reger venha o leme do governo.

Entrementes a avista, e
não sofrendo Por mais
tempo de fora um
peregrino, Corre, aperta-lhe
a mão, sua arma toma:
“Hóspede amigo, salve; o
que precisas, 100

Depois do teu repasto o
sabermos”. Ei-lo
encaminha a déia, e já
na sala Ante celsa
coluna encosta a lança
À nítida hastaria, onde em fileira
As de Ulisses valente
em pé dormiam. 105

Num trono a põe
dedáleo de alcatifa E
de escabelo aos pés,
senta-se perto Em
variegada sela; à parte
ficam,

Para que, à bulha e ao
trato com soberbos, O
hóspede o apetite não
perdesse,

110

E do pai ele a folgo o interrogasse.
De gomil de ouro às mãos
verte uma serva Água em
bacia argêntea, a mesa
lustra, Que enche a
modesta afável
despenseira De pães e das
presentes iguarias;

115

Escudelas de várias novas carnes
O trinchante apresenta e
copos de ouro, Que arrasa
de almo vinho arauto
assíduo. Suspenso o jogo,
os feros pretendentes
Ocupam já cadeiras e
camilhas;

120

Dão água às mãos
arautos, pão comulam
Servas em canistréis;
atiram-se eles
Aos regalados pratos, e as crateras
Lhes coroam mancebos. Farta a sede,
Farta a fome, em prazer

os embriagam 125

Música, dança, adornos de banquetes:
Cítara ebúrnea entrega
um dos arautos A
Fêmio, que forçado ali
tangia

E o cântico ajustava ao
som das cordas.

Inclinou-se Telêmaco a
Minerva,

130

Dizendo à puridade: “Hóspede caro,
Vou talvez enfadar-te? Eles só curam
De cantigas e danças, porque impunes
Comem do alheio, os bens do
herói consomem. Cuja ossada
ou jaz podre em longes terras,

135

Ou rola entre maretas;
ah! se o vissem Cá
reaparecer, mais que
ouro e galas,
Planta leve amariam. Fado acerbo
Urge-o porém, e embora
algun terrestre A volta
sua afirme, as
esperanças

140

Murchas estão, nem luzirá tal dia.
Ora, quem és? de que
família e pátria? Com que
gente vieste e em que
navio? Vindo a pé não te
creio. Uses franqueza,
Hóspede me és recente
ou já paterno?

145

A muitos nosso teto agasalhava,

E meu pai atraía os forasteiros”.

A de azuis claros olhos:

“Não duvides, Mentos sou,
de ser nado me glorio

De Anquíale belaz, e os Táfiros mando

150

Náuticos hábeis. Vim, com
meus remeiros Sulcando o
negro pélago, a Temeses

De estranha língua
permutar meu ferro Pelo

seu cobre: o vaso tenho
surto

No Retro porto, fora da cidade,

155

Junto ao Neio frondoso.

Antigo hospício Me une a
teu pai, e o diga o bom

Laertes; Herói que, é
fama, a corte mesto

esquiva Em campo
solitário, onde ama idosa

Lhe apresta a mesa, ao vir

cansado e lasso 160

De amanhar fertilíssimos vinhedos.

Cuidei, corria voz, tornado Ulisses;

Mas os deuses o
impedem, que inda vive

Em ilha de mar vasto
circunfusa,

Por bárbaros detido e involuntário.

165

O que o Céu sugeriu-me,
eu to assevero, Se bem
áugur não seja ou
grã-profeta:

Não tardará; que, embora o tenham ferros,
Ardis cogita. Sê sincero; os olhos
E a cabeça tens dele, és tu seu filho?

170

Como agora freqüentes
conversávamos; Desde que
para Tróia, entre os mais
cabos, Se embarcou, nunca
mais nos avistamos”. E o
príncipe modesto: “Hóspede,
é certo Que minha mãe de
Ulisses me diz prole; 175

Por si mesmo ninguém
seu pai descobre. Oh!
gerado fosse eu de um mais
ditoso, Que em suas
possessões envelhecesse!
A porvir de um herói, já que
o perguntas, Esse é
desgraçadíssimo dos
homens”. 180

E Palas: “Deu-te o Céu
preclaro berço, És da
casta Penélope nascido.

Mas, dize, que festim, que
turba é esta? Para que a
tens? são núpcias? é
banquete? Por escote o não

fazem. Que insolência! 185

Qualquer homem de siso
há de irritar-se De os ver
assim”. — Telêmaco
prudente: “Hóspede, honesta
e rica era esta casa, Quando
aquele varão conosco estava;
Mas obscuro ocultá-lo
aprouve aos deuses. 190

Menos dor fora se acabasse em Ílion,
Ou no meio de amigos triunfante:
Erigindo-lhe a Grécia
um monumento, Ao filho
seu legara imensa
glória.

As Harpias cruéis mo arrebataram;
195

Sem brilho algum morreu,
só lutos, herdo. Outros
prantos o fado nos suscita:
Os chefes de Dulíquio ambiciosos,
De Ítaca rude e Samos e Zacinto
Pretendem minha mãe,
que os não repulsa, 200
Bem que fiel tais himeneus deteste;
Famélicos o haver me dilapidam,
E malvados a morte me aparelham”.
Palas com dó: “Precisas
de que Ulisses A mão
carregue sobre audácia
tanta.

205

Oh! de seu paço à entrada
aparecesse De elmo, adarga
e hastas duas, qual
chegando O vi de Éfira e de
Ilo Mermérida,
Aonde fora numa nau veleira
Comprar veneno para ervar as setas;

210

Mas, como Ilo o negou
temendo os numes, Lho
deu meu pai, que amigo em
nossa casa
O regalou de saborosos vinhos:
Surdisse, e a boda
amargaria aos procos. Se
cá deva o Laércio ou não
vingar-se,

215

Arcano é divinal; tu considera
De enxotá-los o modo, eu to aconselho:
Em assembléia aos teus amanhã fala,
Atesta o Céu, despede esses intrusos;
A desejar Penélope outro esposo,

220

Torne a seu pai, que as
núpcias lá celebre, E um
dote para a filha haja
condigno.

Se outro cordato aviso adotar queres,
Navegues, a indagar de Ulisses novas,
Em ótimo baixel de vinte remos:

225

Talvez alguém te informe,
ou soe o brado Com que
Jove aos mortais gradua a
fama. Interroga a Nestor
primeiro em Pilos,
Na Esparta ao louro Atrida,
que o postremo Dos
lorigados reis entrou na
Grécia.

230

Vivo Ulisses, paciente um ano esperes;
Morto, regressa, um monumento exalça
E consagra-lhe exéquias dignas dele;
De ti novo marido a mãe receba.
Isto acabado, às claras ou por fraude,

235

Sério dos procos desfazer-te busca:
De brincos pueris não é mais tempo.
Ouves de Orestes o renome honroso,
Por ter vingado o pai no infame Egisto?
Sê no valor qual és no garbo e talhe;

240

Gabem-te, filho, as gerações futuras.
Vou-me à inquieta nau por
minha ausência: Tudo observes,
amigo, e nada esqueças”. E o
moço: “Hóspede, os sábios teus
conselhos Preceitos são de pai,
que eu n’alma guardo. 245

Mas demora-te ainda, a
fim que um banho O
coração te alegre, e

prenda exímia

Aceites hospital, que tu conserves,
Doce memória da amizade nossa”.

“Não me estorves, replica,
ansioso parto. 250

A tua oferta para a volta aceito;
A Tafo hei de levá-la, e dignamente
Retribuir”. Eis voa a gázea deusa,
Águia Anopéia, infunde-lhe coragem,
Na alma avivando o pai.

Crendo-a celeste, 255

O deiforme assombrado aos mais se agrega.
Mudos a Fêmio atendem,
que o de Tróia Triste
regresso dos Aqueus
modula,

*Pom Minerva disposto.
A nobre Icária Penélope
a divina cantilena

260

Do alto percebe, e desce
pela escada. Não só, com
duas servas; ante os
procos, À porta, o véu de
pejo ao rosto abaixa,
Entre as servas lágrima,
ao vale fala:

Fêmio, outros carmes e
trabalhos sabes 265

De homens e deuses, da
poesia assunto; Escolhe
um que a beber te

escutem ledos: Suspende
esse cantar, que amargo
sempre O coração me rala
e mo entristece,
À lembrança do herói,
cuja alta glória 270
Por toda Hélade e Argólida ressoa”.

“Reprovas, minha mãe,
contesta o filho, Que nos
deleite a impulsos do seu
gênio? Os poetas não
culpes, culpa a Jove
Que a prazer os inspira e
o estro acende. 275

Não peca em celebrar de
Aqueus os males, E se é
nova a canção, mais prende
os homens: Reforça o ânimo
teu para sustê-la.
Se luz não teve para a volta Ulisses,
Em Tróia outros heróis
também ficaram. 280

Mas dentro asservas atarefa, intende
Na roca e no tear: varões discorram,
E eu mormente que sou
da casa o dono”.
Recolheu-se com pasmo,
na prudência Do filho
meditando, pela escada,
285

Mais as fâmulas duas, vai carpindo
O amado ausente esposo,

até que em sono Boa
Minerva as pálpebras lhe
fecha.

De compartilhar seu leito
ávidos eles, Na
escurecida sala
tumultuam;

290

A quem Telêmaco: “O alarido cesse
De Penélope amantes ultrajosos:
Ora à mesa o cantor saboreemos,
Na harmonia parelho às divindades.
Amanhã sem rebouço,

em parlamento, 295

Exporei meu desejo de expulsar-vos:
Mutuando os festins,
comei do vosso. A
preferirdes consumir
sem termo

Os bens de um só, recorro
aos Sempiternos: Júpiter o
castigo vos fulmine,

300

E nestes paços expireis inultos”.

Aqui, mordendo os
beiços, da ousadia
Pasmavam do mancebo; a
Antino, garfo De Eupiteu,
rebentou: “Do Olimpo,
certo, A sublime
linguagem te ensinaram;

305

Se és audaz, é que de Ítaca
circúnflua Oh! destinam-te o
cetro hereditário”. Mui
ponderoso o príncipe: “O
que ajunto Não te exaspere,
Antino: eu de vontade
Granjeara de Júpiter o
cetro.

310

Mau reputas reinar?
quem reina goza Opulenta
morada e as mores honras.
Na ilha há jovens e anciãos
que aspiram, Morto Ulisses,
ao mando: quero apenas O
rei ser desta casa, e dos
meus servos 315

Pelo braço paterno conquistados”.

E Eurímaco de Pólibo:
“Quem seja De Ítaca rei,
no grêmio está dos
numes: Senhor és do
palácio, e enquanto a
pátria For habitada,
príncipe, não temas

320

Que da riqueza tua
alguém te esbulhe. Mas
conta-nos, amigo,
donde veio,
Que herdades o teu
hóspede cultiva, Qual

é sua prosápia.

Anunciou-te

Perto Ulisses, ou dívida reclama?

325

Foi-se rapidamente e se encobria;

Porém no aspecto seu
nobreza inculca”. “Eurimaco,
responde o cauto moço, Ah!
não verei meu pai, nem creio
anúncios, Nem curo de
adivinhos que na régia 330

Consulta minha mãe.

Aquele é Mentos

Hóspede meu paterno,
que se jacta

Filho do ilustre Anquíalos;
é de Tafo, Governa os
Táfios navegantes hábeis”.

Fala assim, mas conhece
a divindade. 335

Na dança e melodia
eles se enleiam, Té que
Vésper assoma, e fusca
a noite Vão-se à casa
lograr do mole sono.

Cuidados com Telêmaco rolando,
Um pátio busca interno,
onde aposento 340

Soberbo tinha; avante,
aceso um facho lá a
castíssima Euricléia,
filha

De Opes de Pisenor, que,
enrubescida, Por vinte
bois comprada, igual da
esposa

A estimava Laertes, mas honesto

345

Nem lhe tocou, para
forrar ciúmes; De
Telêmaco a serva era
dileta,
Porque infante o pensara.
Esta é quem abre O
camarim formoso: ele na
cama

Despe a macia túnica; dobrada

350

Em cabide a pendura junto ao leito
A boa velha, que ao sair, a porta
Por um anel de prata a si puxando,
Corre da aldrava o loro.

De ovelhuna Lã coberto, a
cismar despende a noite

355

Na viagem que a deusa lhe ordenara.

NOTAS AO LIVRO I

43-88 — Circúnfluo quer dizer cercado de ondas, e já é nosso. — Embigo do mar, versão literal do grego, significa o lugar mais elevado do mar: não quis diminuir a força do texto. — Pesoissi, interpretado calculis, indica o xadrez, que, segundo a tradição, pouco havia que Palamedes o tinha

inventado, e devera ser o jogo da moda; mas parece que o termo grego indica antes o jogo de dados.

104-114 — A expressão em pé dormiam, aplicada às lanças, é de Pindemonte, e parece-me ter lido em Francisco Manuel cousa parecida. — Das palavras a que faço corresponder presentes iguarias, vê-se que a serva pôs à mesa de Minerva alguns dos pratos que estavam na dos príncipes, e ao depois veio o cozinheiro trinchante com outros quentes: os primeiros deviam ser daqueles que, ainda entre os modernos, se costumam guardar, v. g. fiambres, doces, etc. Assim opinam comentadores, mas em várias traduções omite-se esta circunstância, que aliás mostra um uso da antiguidade.

221 — Não é claro se o dote seria dado pelo pai ou pelo noivo preferido: há diferentes opiniões, e eu sou mais da segunda.

274 — Diz M. Giguet: “Les poètes ne sont pas coupables; mais Jupiter, qui dispose à son gré du sort des humains.” Penso que o sentido é que Penélope não culpe a Fêmio o cantar aqueles versos, porque Júpiter é que inspira os poetas a seu prazer.

302-311 — Digo Antino e não Antinão, assim como Camões dizia Alcino e não Alcinão. — Do verso 308-311, opina-se que o reinar não é um mal; o meu bom Ferreira, numa cena belíssima da Castro, é de voto contrário: a experiência contudo

favorece o do poeta grego. Se fosse mau o reinar, não se teriam cometido tantos crimes para se obter um cetro. Ao momento de escrever isto, os próprios gregos lutam atrapalhados com a candidatura de muitos que aspiram a carregar sobre eles o mesmo cetro que o trágico lusitano qualifica de pesado para os que o trazem; e os três animais ferozes da Europa estão vibrando o olhar sangüíneo, uns contra os outros, por causa da presa.

LIVRO II

Veste-se, à luz da
dedirrósea aurora, Sai da
alcova o amadíssimo
Ulisseida Ao tiracolo a
espada e aos pés sandálias,
Fulgente como um deus,
expede arautos 5

A apregoar e reunir os Gregos.

De hasta aênea, ao
congresso alvoroçado,
Não sem dous cães
alvíssimos, se agrega;
Minerva graça lhe infundiu
celeste.

Seu porte e ar admira o
povo inteiro; 10

Cedem-lhe os velhos o
paterno assento. Egípcio
ergueu-se, de anos curvo e
sábio, A lembrar-se de
Antifo, que audaz indo Com

Ulisses a Tróia, do Ciclope
Foi na seva espelunca última ceia;
15

O herói carpia o filho, e
bem que houvesse Três
outros, um dos procos
Eurínomo, Dous nas lavouras
ocupados sempre, Concionou
lagrimando: “Nunca, atentos
Cidadãos, em congresso nos
sentamos, 20

Desde que Ulisses embarcou divino:
Que provecto ou mancebo
o ajunta agora? Que urge?
anúncio há exército
inimigo? Ou tratar vem de
público interesse?
Nas justas intenções o
assiste Jove”. 25

O Ulisseida não mais fica
em seu posto; Ledo, orar
cobiçando, em pé recebe
Do arauto Pisenor sisudo o cetro,
Por Egípcio começa:
“Eis-me, tens perto Quem,
ancião, convoca esta
assembléia; 30

Nem há novas de exército inimigo,
Nem trato hoje de público interesse,
Mas do meu próprio. Hei
duas graves penas:
Falta-me o pai, que o era do

seu povo; O pior é que
amantes importunos,

35

Filhos dos principais aqui presentes,
Minha mãe vexam, minha
casa estragam. A Icário
temem ir, que a filha dote
E escolha o genro que lhe for mais grato;
Em diários festins, meus

bois tragando, 40

Cabras e ovelhas, minha
adega exaurem. Nem
outro Ulisses que remova
o dano, Nem forças tenho
e militar perícia;

Mal seria tentá-lo: oh! se
eu pudesse! Da ruína e
infâmia, cidadãos,
salvai-me, 45

Os vizinhos temei, temei
que os deuses Em vós a
indigna tolerância
punam: E vos rogo por
Júpiter, por Têmis,

Que demite ou congrega
as assembléias, Socorro,
amigos; só me reste a
mágoa 50

Do extinto pai. Se dele
ofensas tendes, E contra
mim os instigais, mais vale
Vós os móveis e imóveis

consumirdes: Assim, tinha
o recurso de que a tempo
Em Ítaca meus bens vos
reclamasse, 55

Compensações
recíprocas fazendo. Ora,
insanável dor me infligis
n'alma". De cólera
chorando, o cetro arroja;
Comisera-se o povo. À
queixa amarga, Em roda
emudeceram, mas Antino,
60

Rompe o silêncio:
"Altíloquo e impotente Da
ignomínia o ferrete em nós
imprimes? A ninguém mais,
Telêmaco, a mãe cara
Somente arguas, que de
astúcias mestra, Quatro
anos quase, nos contrista,
ilusos 65

De promessas, recados e
esperanças, E al tem no
coração. Com novo engano,
Nos disse, ao predispor fina
ampla teia: — Amantes meus
depois de morto Ulisses, Vós
não me insteis, o meu lavor
perdendo, 70

Sem que do herói
Laertes a mortalha

Toda seja tecida, para
quando
No longo sono o sopitar o fado:
Nenhuma Argiva
exprobre-me um funéreo
Manto rico não ter quem teve
tanto. — 75

Esta desculpa ingênuos aceitamos.
Ela, um triênio,
desmanchava à noite À
luz da lâmpada o labor
diurno;
Ao depois, avisou-nos
uma escrava, E a
destecer a teia a
surpreendemos: 80

Então viu-se obrigada a concluí-la.
Saibas nossa resposta, e
a saibam todos:
Penélope de Icário ao
paço envies,
Marido a sabor dela o pai lhe escolha.
De indústria, engenho e ardis,
a ornou. Minerva, 85

Quais não dera às mais
célebres Aquivas, Tiro e
Alcmena e Micena
emadexadas; Mas dos
dotes abusa em que as
supera, A príncipes da
Grécia atormentando.

A insistir na repulsa, na vontade

90

Que os imortais no peito lhe puseram,
Terá glória perene, embora sintas
Esgotados rebanhos e tesouros;
Pois, o assevero, a
empresa não largamos,
Antes que ela um consorte a
gosto eleja”. 95

Logo Telêmaco: “A
expulsar, Antino, Quem me
pariu e amamentou me
instigas? Viva Ulisses ou
não, se tal cometo,
A meu avô dar cumpre estreita conta;
Aflito pelo pai, depois que as Fúrias

100

Penélope, este lar deixando, impreque,
Me incitará mau gênio humanos ódios:
Não, não proferirei tamanho crime.
Mutuando os festins, comei do vosso,
A casa despejai-me. A preferirdes

105

Gastar os bens de um só,
recorro aos deuses: Júpiter
o castigo vos fulmine,
E nestes paços expireis inultos”.
Aqui despede o pródigo Satúrnio

110

Do alto águias duas, que,
de pandas asas Pelas
auras a par, ante o
congresso

Mirando em giro e sacudindo as penas
Sobre as cabeças, prometiam mortes;
Lacerando-se à unha a testa e o colo,
Da cidade por cima à destra voam.

115

No anúncio a refletir,
pasmaram todos.
Ergueu-se o herói
Mastórida Haliterse,
Agoureiro o melhor entre
os coevos,
E orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me,
Risco iminente pressagio aos procos:

120

Não tarda Ulisses, que vizinho traça
Deles o exício e de outros Itacenses.
De os refrear o modo averigüemos,
Ou se abstenham por si,
que é mais cordato. Inexperto
não sou; predisse aos Gregos,

10

No embarcar para Tróia o
astuto Ulisses, Que sem
nenhum dos seus, após
vinte anos
E transes mil, ignoto aqui viria:
Quanto prenunciei vai
ser cumprido”. Eurímaco
retorque: “Eia, a teus
filhos 130

Corre a vaticinar, para que um dia
Sério desastre, ó velho,

não padeçam: Profeta eu
sou maior; nem quantas
aves Ao sol adejam,
pronosticam males.

Como Ulisses, ao longe
oh! pereceras, 135

Áugur falaz; com olho só no lucro,
O ódio nunca em
Telêmaco excitavas.

Mas, se de teu prestígio
e idade abusas Irritando
o mancebo, eu te
asseguro,

Funesto lhe serás, sem
nada obteres, 140

E a ti multa imporemos,
que te grave E ao vivo doa.
Mande, eu lho aconselho, A
Icário a mãe: as núpcias lhe
aprontemos, E um dote para
a filha haja condigno. Cesse
a porfia assim; pois ninguém
medo, 145

Nem o loquaz Telêmaco, nos mete.
Predições desprezamos, cujo efeito
Único é detestarmos o adivinho.

A desfalcar seus bens
continuaremos, Enquanto
ela indecisa
entretiver-nos: 150

Todos rivais, pela virtude sua,
Longos dias passamos

na esperança, Outras
nobres senhoras
enjeitando”.

Dissimula Telêmaco:

“Não quero Nisto, Eurímaco
e ilustres pretendentes, 155

Falar mais: tudo os Céus e
os Gregos sabem. Mas
dai-me ágil baixel de vinte
remos, No qual, o instável
pélago sulcando,
Eu vá, na Esparta e na
arenosa Pilos, Do
suspirado pai colher
notícias:

160

Talvez alguém me informe,
ou soe o brado Com que Jove
aos mortais gradua a fama.
Vivo Ulisses, paciente um ano
espero; Morto, aqui volto, e
um monumento exalço E
consagro-lhe exéquias dignas
dele; 165

De mim novo marido a mãe
receba”. Mal toma o seu
lugar, Mentor ergueu-se,
Sócio do grande Ulisses
que à partida Confiou-lhe
interesses da família,

Que ao velho obedecia;
este prudente 170

Orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me,
Cetrígero nenhum benigno seja,
Nem precatado e bom, sim
duro e injusto, Já que o
povo deslembra o divo
Ulisses,
Rei homem, rei e pai, senhor e amigo.

175

Aos cegos procos a violência passo,
Porque, a seu risco devorando a casa,
Pensam que Ulisses nunca
mais ressurja; Ardo só contra
o povo, que estais mudos,
Que, tantos sendo, ao menos
com palavras, 180

Não reprimis o orgulho de tão poucos”.

Bradou Leócrito Evenório: “Bronco
E insolente Mentor, nós desistirmos!
Disputar-se o festim será difícil
Dos príncipes à flor: se o
próprio Ulisses 185

Maquinasse expelir de casa os procos,
Não folgava de o ver a amante esposa;
Crua morte os convivas lhe dariam.
Fútil arenga. Ao trabalho, ó povo;
Naliterse e Mentor, muito há paternos

190

E amigos seus,
dispunham-lhe a viagem.
Falho o projeto,
longamente, eu creio,
Tem de inquirir em Ítaca estrangeiros”.

Ei-lo, solve o congresso; os
mais às próprias, De
Penélope à casa os procos
foram.

195

Telêmaco da praia ao longo parte;
No alvo mar banha as
mãos, suplica a Palas:
“Socorro, ó nume que a meu
lar vieste,
E ontem mandaste que,
talhando as vagas, De Ulisses
fosse em busca; obstam-me os
Gregos, 200
E sobretudo os feros pretendentes”.
Palas à prece acorre, em
voz e em corpo A Mentor
semelhando: “Siso e
esforço,
Ó mancebo, terás, se em ti se instila
O ânimo de teu pai em dito e em feitos,

205

Nem baldarás teus passos: a não seres
De Penélope sangue e do Laércio,
Que lograsses o intento eu duvidara.
Muitos filhos do tronco degeneram,
Raros o imitam, raros se avantajam;

210

Pois de Ulisses herdaste
o gênio e o brio, O teu
projeto conseguir esperes.
Desses loucos e injustos

não te importes; Sem
previdência, ignoram que
atra morte Para um só dia
lhes comina o fado.

215

Não mais o teu propósito retardes:
Mesmo agora aparece
aos pretendentes;
Vitualhas apresta e
acondiciona,
Em ânforas o vinho e
em densos odres Mete a
farinha, dos barões
medula.

220

Paterno sócio, te serei companha,
Em baixel que te esquipe:
ondicercada Ítaca abunda
em naus de toda a sorte; A
melhor se aparelhe e ao
mar se deite”. À voz da filha
do Satúrnio, à casa 225

Dirige-se o Ulisseida angustiado;
Os soberbões encontra a
esfolar cabras, A assar
no pátio succulentos
porcos.

Rindo lhe ocorre Antino e a
mão lhe trava: “Fraco e
loquaz Telêmaco, desterra

230

Mau pensamento;

investe, como dantes, Ao
comer e ao beber, valente e
guapo. Gregos te
escolherão navio e remos,
Onde a Pilos divina, ao
som da fama, Tu vás de
Ulisses indagando novas”.
235

Sério o príncipe: “Antino,
com soberbos Folgar não
devo ou conviver forçado.
Não basta que os meus bens
dilapidásseis Na infância
minha? Alerta e mais
crescido, Aconselhei-me, e a
ira em mim referve: 240

Seja em Pilos ou Ítaca, procuro
Vossa ruína; os passos
meus não frustro. Passagem
pagarei, pois vos aprouve De
embarcação privar-me e de
remeiros”. E a mão da mão
de Antino arranca fácil. 245

Rompe o festim, e a
charlear um deles: “Hui!
Telêmaco a perda nos
prepara! Ou da arenosa
Pilos ou de Esparta
Vingadores trará, se é que de Éfira
Não nos trazer letíficos venenos,
250

Que na cratera a todos nos

propine”. E outro a zombar:
“Quem sabe se naufrague E
longe expire, como o
errante Ulisses? Seria um
grã trabalho o dividirmos
Tamanhas possessões, à
mãe deixando, 255

Ou a quem a esposasse,
este palácio”. Ele à
paterna estância ampla e
sublime Corre, onde
amontoavam-se ouro e
cobre, Óleo odorífero e de
vestes arcas;

Dentro, em redor
envelheciam pipas 260

De almo divino baco, se
inda Ulisses, Depois de
tanta angústia, ao lar
voltasse. Desperta as portas
bífores cerradas Guardava a
ecônoma Euricléia, filha De
Opes de Pisenor; chamou-a
e disse: 265

“Em ânforas bom vinho,
ama, embotelha, Do mais
suave que a tornada espera
Do infeliz nobre herói, se a
morte o poupa, Delas enche
uma dúzia e arrolha todas;
Alqueires vinte em odres bem
cosidos 270

Vaza de grãos de elaborada Ceres.
Tudo arruma em segredo;
à noite venho, Mal
Penélope a câmara
procure.
A Esparta e a Pilos
arenosa vou-me, Do
pai dileto a recolher
notícias”.

275

Clama Euricléia,
debulhada em pranto “Filho,
que insânia a tua! ires
sozinho Por esse mundo! É
morto o grande Ulisses, Ai!
longe do seu ninho, em terra
ignota: Fica entre nós; para
teus bens gozarem, 280

Se partes, eles te armarão ciladas;
Ao cruel vago mar não te confies”.

“Ama, responde o
príncipe, sossega; Isto
não é sem deus. Jura à
mãe cara Onze dias ou
doze encobrir tudo,

285

Salvo se o tenha ouvido
ou queira ver-me: Não
deforme chorando as
faces belas”. Firma a velha
um solene juramento, E
enquanto o vinho em

ânforas transfunde E
despeja nos odres a
farinha,

290

O jovem se reúne aos
pretendentes. Mais
excogita Palas:
disfarçada

No régio garfo, as ruas
percorrendo, Incitava um
por um a achar-se prestes,
Ao lusco e fusco, ante um
baixel veleiro 295

Ao de Frômio pedido
egrégio filho, Que o
prometeu benévolo e
previsto. Obumbrava a
cidade o Sol no ocaso: Do
porto à boca, a mesma
Olhicerúlea, Em nado
posta a nau bem
petrechada, 300

Congrega e exorta a
pontual maruja. Depois
anda ao palácio; os
pretendentes Entre o
vapor do vinho em sono
enleia,

Turba-os, das mãos os
copos lhes sacode: Eles para
dormir, da mesa erguidos,
305

Carregadas as pálpebras,
se espargem. Retoma a
forma de Mentor a deusa,
Fora chama a Telêmaco:
“Nos bancos Te aguardam
prontos os grevados Gregos;
Não demoremos a partida,
vamos.” 310

Já caminha, e Telêmaco
após ela. Chegados ao
baixel, na praia encontram
Comantes nautas, a quem
fala o moço: “Os víveres,
amigos, transportemos Que
hei no aposento: exceto
uma cativa, 315

Nem minha mãe conhece
este segredo.” Ei-los,
colocam tudo na coberta:
Embarca o príncipe, adiante Palas,
Que a par o assenta à
popa. Safam cabos E
abancam-se remeiros, bem
que a deusa 320

Mande favônio Zéfiro, que aleia
E encrespa o turvo
ressonante pego. A
vozes de Telêmaco,
manobram:

De abeto o mastro
levantado encaixam Em
sua base e o ligam de

calabres, 325

Com táureas cordas
brancas velas içam. Venta
em cheio; a fremir,
purpúreas vagas O buco
açoutam, que as retalha e
voa. Finda a mareação, do
mais estreme Em pé
crateras coroando, libam

330

Aos imortais,
principalmente à prole
De Júpiter Minerva,
que da noite
À nova aurora viajou com eles.

NOTAS AO LIVRO II

68-71 — Nesta passagem, usa Rochefort de estilo erótico alheio de Homero: Antino fala no tom do Pastor Fido ou da Marília de Dirceu. Apesar de ser Pindemonte um bom poeta, caiu no mesmo erro, na aparição dramática de Penélope no livro I, pondo-lhe na boca, não palavras convinháveis ao conjugal amor daquela mãe de um filho de vinte anos, sim próprios da mais ardente mocidade. Amiúde, como sucede em outros lugares deste livro II, emprestam os tradutores aos seus quadros cores modernas mal assentes, por mero enfeite. Ora, pode-se uma ou outra vez ornar o pensamento, contanto que não se abuse da licença, e o ornato seja no gosto do autor; e, se tal se permite, é por uma espécie de compensação, visto que em não

poucas ocasiões deixa o tradutor forçosamente de passar com a mesma gala muitas expressões do original. A simplicidade homérica é um grande escolho para nós outros.

118-174 — Éu phroneon tomam alguns na acepção de prudente: Homero, penso, diz que Haliterse falou contente, por ver que as águias reforçavam o seu antigo prognóstico. — No verso 150, trato só da virtude, não da beleza de Penélope, como alguns acrescentaram, contra a precisão do texto: refiro-me à nota antecedente. — Com M. Giguet, tenho que o verso 169 não é Laertes; é Mentor, que, menos idoso, encarregou-se da família na ausência do herói. — O 174 é o enérgico e belíssimo verso de Ferreira na carta primeira, o qual orna o pensamento sem fugir do estilo simples do poeta grego.

219-244 — Chama-se aqui a farinha ou o pão medula dos varões: não quis eu esfriar esta expressão com um equivalente; o mesmo praticou M. Giguet, em prosa e numa língua menos ousada. — O Reia do 322 do original, verti-o à letra por fácil: parece-me que no seu advérbio indica o autor a força do braço de Telêmaco, de bom agouro para o futuro. Este belo toque de mestre é como o de Virgílio, que no verso 652 do livro VII só no advérbio nequidquam aponta a morte futura de Lauso. Muitos não fizeram caso algum desta passagem, mas Rochefort acertou, bem que a sua versão, longa e prolixa, pareça antes uma explanação do texto. — Ondicercada, no meu verso 221, imitado do italiano,

é o mesmo que circúnflua, adjetivo já da nossa língua, do qual falei anteriormente.

LIVRO III

O Sol, do pulcro lago ressurgindo,
Em céu de bronze alumiaava os deuses
E n'alma terra os
homens, no abordarem A
celsa Pilos de Neleu
fundada,

5

Em cuja praia ao criniazul Netuno
Touros em tudo negros imolavam:
Eram bancadas nove e de quinhentos,
Bois nove a cada grupo. Ao
nume as coxas,
Consumidas as vísceras,
ardiam,

10

Quando, ferrado o pano,
em terras saltam. Guia e
instrui a Telêmaco
Minerva:

“Não mais te acanhes, pois
rasgaste os mares, A inquirir
onde vive ou jaz Ulisses.

Presto, a Nestor

doma-corcéis; vejamos 15

O que há na mente, rogá-lhe a verdade;
Nem ele mentirá, sisudo e probo”.

“Como hei de, respondeu-lhe,
apresentar-me? Como

saudá-lo? Sou, Mentor, noviço
Em discorrer com tento, e
me envergonho 20
De interrogar um velho”. — E a
de olhos zarcos: “Telêmaco,
tua alma há de inspirar-te,
E um nume sugerir-te; eu não te julgo
Nado e nutrido sem favor celeste.

Então se apressa, e o
príncipe atrás segue 25
Dos Pílios ao congresso,
onde se achavam Nestor e
filhos, que o banquete
aprontam; Quem assa,
quem no espeto a carne
enfia. Ao vê-los grande
número os abraça
E convida ao festim. Primeiro a destra

30
O Nestório Pisístrato lhes toma,
Entre o irmão Trasimedes os coloca
E seu pai n'alva areia e moles peles;
Porção de entranhas lhes
oferta; o vinho Em áureo
copo vaza, e reverente

35
Fala à prole do aluno de Amaltéia:
“Hóspede, ao rei Netuno ora conosco,
A porto chegas para o seu festejo.
Liba e depreca, é justo, e ao sócio passes
O doce vinho com que os
Céus invoque; 40

Todos, julgo, dos Céus
necessitamos: Jovem
comigo em anos
emparelha;
Terás primeiro o copo.” E
aqui lho entrega. Contente
Palas do varão cordato,
Que a velhice acatava, assim perora:

45

“Digna-te, Enosigeu, de
ouvir meus votos! Honra a
Nestor e os filhos,
agradece

A completa hecatombe aos
outros Pílios; Dá-me e ao
sócio o voltarmos tendo
obtido O que imos
procurando a remo e vela”. 50

O rito já preenche, e traspassado
O bicôncavo copo, à risca o mesmo
Faz o Ulisseu mancebo. Do braseiro
Tirando, assados
superiores trincham, O
solene festim lauto
celebram.

55

Vencida a sede e a fome, satisfeitos
Completamente os
hóspedes, o velho
Gerênio cavaleiro os
interroga:
“Donde vindes cortando

as salsas vagas?
Traficais? ou piratas sois
errantes,

60

Que para dano alheio a
vida expondes?” De
Minerva Telêmaco
animado,
Por ter informações do herói famoso
E nome entre os mortais,
responde afouto: “Nestor
Nelides, ó da Grécia adorno,

65

Direi quem somos: de Ítaca selvosa,
Não público negócio, mas privado,
Que vou contar sincero,
aqui nos trouxe; Vogo
após o rumor do pai
querido
O longânimo Ulisses, que a teu lado

70

Soa haver sovertido os
muros Teucros. Já consta o
fim de quantos lá pugnaram;
Mas Jove esconde o seu:
ninguém me explica Se a
mãos hostis em terra há
sucumbido Ou soçobrou nas
águas de Anfitrite.

75

Os pés te abraço, o fado
seu declara, Se o viste,

ou se narrou-te um
peregrino. Sem dita ah!
veio do materno ventre!
Por dó nada me ocultes,
eu to rogo;
E, se a ti fiel sempre,
em dito e feitos, 80

Foi na guerra onde Aqueus
sofreram tanto, Isto
lembre-te agora e não me
iludas.” A quem Nestor:
“Os males me recordas
Que entre esse povo,
amigo, suportamos, Ou
quando errantes pelo escuro
pego 85

A depredar nos conduzia Aquiles,
Ou no cerco dos muros Priameios
De heróis sepulcro: o
márcio Telamônio, O
Pelides caiu, lá jaz
Pátroclo

Em destreza divina, lá meu filho
90

Antíloco gentil, ágil, brioso.
Mas quem memoraria as
outras penas? Fiques
cinco ou seis anos, que
no meio Da narração
com tédio voltarias.

“Um novênio mil dolos
maquinamos; 95

Jove a custo pôs termo
a tantas lidas. Aos
demais nos ardis se
avantajava

Teu pai, se o é: com pasmo
eu vejo o imitas, Moço
egrégio, em facúndia e gesto
e porte. Nunca, no parlamento
ou no conselho 100

De Ulisses dissenti, por
bem dos povos. Derruída
Ílion celsa e a
velejarmos,
O Supremo em furor
dispersa os Dânaos, Que
todos justos nem
prudentes eram; Muitos
vítimas foram da
olhigázea

105

Prole de iroso pai, que
entre os Atridas A
discórdia acendera. Os
dous, à tarde Contra o
costume os nossos
convocando, Que do
vinho turbados
concorreram,

O motivo expressaram
da estranheza: 110

Queria Menelau que o dorso imano
Talhássemos do mar; o irmão queria

Deter-nos, e com sacras hecatombes
A Minerva aplacar.

Cegueira e insânia; Fácil
do intento um nume não se
abala. 115

Insultam-se os irmãos, e
Argeus grevados Com sinistro
alarido em pé disputam; A
noite, infenso o Padre, uns
contra os outros A excogitar
velamos. N'alva, os lenhos
Deitam-se ao divo salso mar,
de escrava 120

Alticintas onustos e do espólio:
Fica-se em torno ao rei
dos reis metade, Metade
voga. Um deus amaina as
ondas, E em Tênedos
portados, suspirando
Pelo saudoso lar, sacrificamos.

125

Aumenta o mal, nova
descórdia surge: Vários,
ao sumo. Atrida por
obséquio,
Após o cauto Ulisses retrocedem
Nos meus navios fujo, pressentindo
Os desígnios de Júpiter funestos,

130

E Tidides me segue e os
seus com ele Mais tarde
Menelau nos topa em

Lestos Na extensa rota a
meditar: se, Psíria
Dobrando à esquerda, iríamos acima
Da alpestre sáxea Quio
ou desta abaixo, 135

Singrando ao longo da
ventosa Mimas. Rogávamos
ao deus, que acena e manda
Esquivarmos na Eubéia
algum desastre: Brama o
vento, e sulcando o mar
piscoso, A Geresto os
baixéis de noite abordam;
140

Atravessado o pélago, a Netuno
Sagramos táureas coxas.
Entra em Argos Ao quarto
dia a Diomedéia frota;
A Pilos me encaminho,
sem que afrouxe A brisa
que souprou-me o Céu
benigno. 145

Assim, meu filho, nada
sei dos Graios, Salvos
ou perecidos; mas te
explano

Quanto em meu teto já
me tem constado: Corre que
os bravos Mirmidões
lanceiros Pôs em casa o de
Aquiles digno gérmen; 150
Que os seus pôs o

Peânncio Filoctetes; Que,
em feliz travessia, o rei
Cretense Todos já
recolheu de Tróia
escapos.

De Agamemnon lá mesmo
a sorte ouviste: Caro custou
seu crime a Egisto infame.

155

Quão belo um nobre
herdeiro, como Orestes, Que o
pai vingou no pérfido homicida!
Amigo, sê também, se és
guapo e esbelto, Sê de valor e
esforço, e o mundo
assombres.” E o mancebo: “Ó
Neleio, Aquiva glória, 160

Sim, foi justa a vingança;
honrado sempre Orestes
há de ser. Tivesse eu
forças

Contra insolentes e molestos procos!
Eu nem Ulisses venturosos fomos;
Cumpre-nos suportar.” —

Contesta o velho: 165

“Que me lembras? A fama
aqui me veio Dos que
oprimem-te e a casa te
arruinam, Requestando a
Penélope. Abaixaste
O colo ao jugo, ou por
supremo influxo

Aborreceu-te o povo? Inda
quem sabe 170

Se o pai sozinho ou com geral apoio,
Não puna ultrajes tantos? Oh! Minerva
(Nunca um deus a mortal
foi tão propício) Te
protegesse com o amor
que tinha
Em Tróia exícial ao grande Ulisses!

175

Eles de boda a sede apagariam.”
Telêmaco porém: “Prometes muito;
Espantas-me, ancião, mas nada espero,
Nem que os numes o queiram.”
— “Desses dentes, Minerva
acode, que proferes, néscio?

180

A quem quer favorece ao
longe um nume. Prefiro
demorar-me entre fadigas
E ver o dia do regresso à pátria,
A sucumbir no lar como Agamemnon,
Pela traição de Egisto e Clitemnestra.

185

Contudo os imortais salvar não podem
Da condição comum qualquer valido,
Se a Parca o empolga para
o sono eterno.” Telêmaco
atalhou: “Mentor,
cessemos, Bem que isso
me interessa: aparecer-nos

190

Veda-lhe o seu destino.
De outro assunto Me
esclareça Nestor, que em
três idades
Se diz que reina, excele na justiça,
É na presença um deus. Como foi morto
O rei dos reis? como um
varão mais forte 195

De Egisto ao braço pereceu doloso?
Onde era Menelau? Certo, ó Nelides,
Longe errava da Argólida ao momento
Que a tal flagício o pérfido arrojou-se.”
Então Nestor: “Sabê-lo
vais, meu filho. 200

Ponderas bem; se à volta o louro Atrida
Inda o encontrasse, a
Egisto sobre a cova
Ninguém terra espargira,
e na campanha
Tivera sido a cães e abutres pasto,
Sem que uma só mulher
chorasse o monstro. 205

Nós em altas façanhas, ele estava,
Lá num retiro de Argos pascigosa,
A seduzir em ócio com branduras
A nobre Clitemnestra, que a princípio
Resistiu, roborada na virtude

210

Por um poeta que, ao partir, o esposo
Ao lado lhe deixou; mas, quando Egisto
Pôs numa ilha deserta o Aônio aluno,
Que o Céu votara às aves de rapina,

De grado ela se foi do amante à casa:
215

Conseguido o que nunca
obter cuidava, Muita
perna de rês queima nas
aras,

Muita imagem pendura,
alfaias, ouros. Parto com
Menelau, que me era
unido; Próximo ao sacro
promontório Súnio, 220

Febo asseteia-lhe o
Onetório Frôntis, Que
meneava o leme, sem
segundo

Em dirigir a proa nas tormentas.

Bem que à pressa, em
Atenas celebrados O
enterro e funerais, o
Atrida segue

225

Pelo sombrio pélago, e nas águas
Do cabo Maléia, o
imbrífero Tonante Solta
estrídulos ventos e em
montanhas Incha escarcéus;
dispersa, a frota em parte A
Creta arriba, onde os
Cídones moram 230

Às abas do Járdano. Alcantilada
Nos Gortínios confins se
eleva rocha Do escuro

ponto, e ali maretas Noto
Quebra em Festo ao
sinistro promontório; Pelo
pequeno escolho
divididas:

235

Naufraga, e apenas a
campanha livra Menelau, que
em cerúleas proas cinco O
sopro e as ondas para o Egito
impelem. Enquanto vaga entre
homens de outra língua E as
naus de outro carrega e
mantimentos, 240

Perfaz o dolo Egisto, e
por sete anos Duro
impera em Micenas
opulenta;

No oitavo, o divo Orestes
vem de Atenas, Vinga seu
pai ao matador matando,
E ao sepulcral banquete
assenta os Gregos 245

Do imbele adúltero e da
mãe perversa: O afável
Menelau surge esse dia,
Nos baixéis de riqueza abarrotados.

Não muito e longe dos
soberbos andes, Que
devorem-te a casa e os bens
repartam: 250

Seria, amigo, péssima a viagem.

Eu te aconselho a visitar o Atrida,
Que veio donde vir já não pensava,
Por temporais jogado
além do horrendo Pélago
vasto, que nem aves
podem

255

Num ano atravessar. Ou
corta os mares No teu
navio, ou se por terra
queres, Dou-te meu carro,
e os filhos te conduzam De
Esparta à nobre corte: a
preces tuas,
O probo rei te falará sincero.”

260

Caído o Sol, adverte a
gázea Palas: “Sábio
discorres, velho, mas das
vezes Talhem-se as
línguas, e mesclado o
vinho, Libemos a Netuno e
às mais deidades: Hora é
de repousar; sepulto o
lume

265

Na opaca treva, recolher-nos cumpre
Deste festejo.” — Todos
lhe obedecem: Dão água
às mãos arautos; as
crateras Coroando
moços, distribuem copos

Em derredor; e, no
brasido as línguas. 270

Em pé libam de novo e
à larga bebem. Já
Minerva e Telêmaco
desejam

Tornar-se a bordo; mas
Nestor o impede: “De vos
deixar partir o Céu me
guarde, Como infeliz
trapento, a quem falecem
275

Agasalhos de mantas e tapetes:
Hei tudo, e à farta; no convés
não durma Do amigo o nada;
eu vivo, ou meus herdeiros,
Para hospitais deveres
exercermos.”

“Justo, ancião, discorres,
diz Minerva: 280

Aqui pernoite o príncipe contigo;
Vou confortar a gente e prover tudo.
Prezo-me eu só de velho;
os mais vieram Eqüevos e
a Telêmaco votados.

Hei de a bordo
encostar-me, e alvorecendo,
285

Aos honrados Caucomes dirigir-me,
Antiga a recobrar grossa quantia
Em coche um dos teus
filhos o encaminhe, Rijos

lhe empresta alípedes
cavalos.”

Dali, como um xofrango, a de
olhos garços 290

Desaparece com geral assombro;
A Telêmaco a dextra o velho aperta:
“Não serás, filho, imbele
e sem virtude, Pois tão
jovem te assiste uma
deidade; É certamente a
predadora Palas,

295

Que a teu pai distinguia.
Oh! tu rainha.

Glorifica-me e a prole e a
casta esposa! Imolarei
do jugo intacta aneja,
De larga fronte com
dourados cornos.” Aceita a
prece, à régia com seus
filhos 300

E genros parte; e, em
ordem colocados, Ele o
vinho mistura de anos
onze.

De ânforas que destapa a despenseira,
Brinda e roga à do
Egífero progênie. Para
dormir, saciados se
despedem: 305

Nestor o diviníssimo Ulisseida
Retém no paço, e ao

pórtico sonoro Um
recortado leito lhe
oferece,
De Pisístrato perto, belaz chefe,
Inda na adolescência;
o rei descansa 310
Num retrete recôndito,
onde a cama Afofara a
consorte veneranda.
Ao roxear da
pudibunda aurora,
Surge Nestor, ante o
portão repousa, Em
alva pedra a óleo bem
polida,
315
Poial já de Neleu, divino engenho:
Ali, depois que a Dite o
pai descera, Soía
aquela dos Argeus
custódia
O cetro alçar. Das
câmaras saídos,
Cercavam-no Equéfron e
Estrácio e Areto 320
E Perseu e o deiforme
Trasimedes, Sexto
Pisístrato, o menor da
estirpe. Era Telêmaco,
a imortais parelho,
Junto ao régio Nestor, que
assim começa: “Filhos, eia, a

Minerva engrandeçamos,
325

Que ao solene festim vi
manifesta: Um corra ao
prado em busca do vaqueiro,
Que uma novilha traga; outro
aqui chame O ourives
Laerceu, que doure os
cornos; Ande à nau de
Telêmaco o terceiro, 330

E os nautas, menos dous,
nos apresente. Ficai-vos os
demais; que as servas
dentro Lautá mesa
aderecem, que nos sirvam
De cadeiras e lenha e de
água pura.” Tudo obedece:
A rês do campo chega; 335

De Telêmaco chega a
marinhagem; Com
bigorna e alicates e
martelo,
Utensílios do ofício, o
fabro chega; Chega
Palas e atenta a
cerimônia.

Ouro Nestor fornece; o
artista o assenta, 340

Para a deusa alegrar, da
rês nos cornos; Por estes
Equéfron e Estrácio a
levam. Traz de cima em

bacia floreada
Água Areto, e uma serva
em cesta molas; Afiada o
guerreiro Trasimedes

345

Secure empunha, a
golpear disposta Para o
sangue aparar Perseu
tem vaso;
Ora o pai, água esparge e farro pio,
Ao fogo lança da cabeça o pêlo.
Finda a prece, o Nestório Trasimedes,

350

Rápido os nervos cervicais talhando,
As forças lhe dissolve; em
gritos rompem Filhas e
noras, a pudica esposa,
Eurídice, a maior das de Clímeno;
Do chão vasto a novilha

erguem, sustentam, 355

E Pisístrato príncipe a degola:
Mana o sangue da vítima, que expira.
Partem-na; e, como é rito,
as cérceas coxas Cobrem
de pingue dúplice camada,
Postas várias por cima; o velho as torra,

360

Negro vinho entornando; ao pé mancebos
Bons espetos sustêm quinqüedentados.
Ossos combustos, vísceras comidas,
Picam-se as carnes, que
enroscadas assam, Os

pontudos espetos
revirando.

365

Filha menor, a bela Policasta
O hóspede lava; e, de óleo perfumado,
Ele, em túnica nova e gentil manto,
Saiu do banho com divino aspecto,
Junto abancou-se do pastor de povos.

370

Pronto o assado e o banquete,
os mais prestantes O vinho em
copos de ouro em pé
transfundem. Repleta a fome e a
sede, ei-lo o Gerênio:

“Filhos, ora a Telêmaco parelha
Crinita ao carro atai.” —

Sem mais delonga, 375

Jungidos os corcéis, mete a caseira
Pão, vinho, provisões que
os reis costumam; Sobe
Telêmaco à formosa biga;
Da juventude príncipe, o Nestório
Pisístrato a seu lado as rédeas move

380

E açouta os brutos, que por
gosto arrancam Da árdua
Pilos formosa. O dia inteiro
De uma e outra banda o
jugo não sossega, Té que,
ao Sol posto, em Feres se
dirigem A Díocles, de
Ortíloco nascido,

385

Que o foi do rio Alfeu: lá pernoitaram
Em jocunda pousada; e, mal fulgia
A manhã dedirrósea, a biga jungem
Ao vário coche, e os brutos flagelados
Ledos voam do pórtico estrondoso.

390

Por frugífero campo atravessando,
A carreira os
ungüíssonos terminam,
Quando as veredas
obumbrava a tarde.

NOTAS AO LIVRO III

120 — Alticintas, correspondendo a balhuzonous, quer dizer que trazem apanhados os vestidos; epíteto que otimamente pinta certo vestuário das Gregas antigas. Pindemonte, com toda a fidelidade, ousou dizer altocinte schiave: eu o sigo, mas adotando a forma latina, melhor no português.

212 — Este verso é de Filinto nos Mártires, onde se fala de Clitemnestra e do assassino de Agamemnon.

328 — M. Giguet, distinguindo o ourives do batedor de ouro, colocou-se nos tempos atuais: dantes, o ourives, o carpinteiro, o armeiro e os demais artífices, reuniam muitos ofícios em si, que ao depois se foram dividindo e subdividindo, à medida que se aperfeiçoava o material das sociedades. Laerceu era ourives e batedor de

metais ao mesmo tempo.

343-347 — Outàs, em latim moloe e também farreum pium: eram porções de farinha de cevada com sal torrado, ou bolos da mesma cevada com sal, que serviam nos sacrifícios. Bolos nem sempre, exprime cabalmente a cousa, e por isso na Eneida usei de molas, como uso aqui, a exemplo de alguns antigos. De farreum fizemos nós farro, como lhe chamam Francisco Manuel e outros.

LIVRO IV

Já no vale da grão Lacedemônia,
Em casa o Atrida glorioso encontram
Com pompa a celebrar do
filho as núpcias E as da filha
sem pecha. Em leves carros
5

la enviá-la à Mirmidônia corte,
Ao do Rompe-esquadrões
herdeiro Pirro, De Ílio
cumprindo o juramento
sacro.

Do Espartano Aléctor
une uma virgem Ao forte
Megapentes, que uma
escrava 10

N'ausência lhe pariu: de Helena prole
O Céu não lhe outorgou,
depois da amável
Hermíone, rival da loura
Vênus.

No amplo alcáçar

opíparo convívio Deleita
a cidadãos e a
forasteiros,

15

À lira canta um músico divino,
Dous bailadores a compasso pulam;
Mas o coche ao
vestíbulo e o Nestório E
Telêmaco estão. Pajem
do Atrida,
O bravo Eteoneu, que os observava,

20

De povos ao pastor a informar veio:
“Dous hóspedes, quiçá
de Jove garfos, Temos:
desatar cumpre a veloz
biga,
Ou mandá-los, senhor,
para outro asilo?”
“Dantes eras, Boétidas,
sisudo,

25

O flavo rei troou; mas louquejaste,
Compassível discurso. Ah!
quantas vezes O pão comi
da mesa do estrangeiro!
De novas aflições me afaste Jove!
Solta a parelha, os
hóspedes convida.” 30
Eteoneu chama os
fâmulos, que o seguem:
Aos suados corcéis, do

jugo livres,
Meiam cevada e espelta
a manjedoura; À parede
luzente o carro apoiam;
Introduzem na régia os peregrinos,
35
Régia brilhante como o Sol e a Lua.
Já farta a vista, em limpa
cuba os lavam E ungem de
óleo as escravas, que, em
felpudos Albornozes, e
túnicas macias,
Do soberano a par os apoltronam.

40
De gomil de ouro às mãos
verte uma delas Água em
bacia argêntea, a mesa
lustra,
Que enche a modesta
afável despenseira De
pães e das presentes
iguarias;
Escudelas de várias novas carnes

45
O trinchante apresenta e
copos de ouro. Dá-lhes a
destra e fala Menelau:
“Comei, saboreais; depois da ceia,
Saberemos quem sois. De
escura estirpe Certo não
vindes, mas de heróis
cetrados: 50

Gérmen vil não rebenta em
plantas nobres” Aqui,
tergo bovino assado e
gordo.

Seu quinhão de honra, aos
hóspedes oferta, Que ao
regalado prato as mãos
estendem. Refeitos já,
Telêmaco ao Nestório

55

Inclinou-se em voz baixa: “Considera,
Amigo da minha alma, como ecoa
E esplende a sala, em bronze,
em prata, em ouro, Em electro e
marfim! Do interno Olimpo É tal o
adorno imenso: espanta olhá-lo.”

60

Menelau, que o percebe,
acode: “Filhos, Ninguém se
igualava a Jove na opulência;
Eterno é seu palácio. Uns nos haveres
Superaram-me, outros eu:
mas que infortúnios Oito anos
carreguei, vagando os mares!

65

Vi Chipre, vi Fenícia, vi o Egito,
A Etiópia, a Sidônia, Erembos, Líbios;
Onde aos cordeiros nascem
presto os cornos, E há três
partes a ovelha anualmente:
Lá senhor nem zagal tem míngua nunca

70

De queijo e carnes e mungido leite.
Enquanto eu cumulava tais riquezas,
Por dolo da consorte o irmão
foi morto, E elas na amarga dor
não me consolam. Ter-vos-ão
vossos pais, quem quer que
sejam, 75

Contado os meus pesares:
de Ílio em cinzas O
precioso espólio os não
compensa.

Com pouco no meu lar me contentava,
Se incólumes vivesse os que remotos
Da Argólida ubertosa lá caíram.

80

Amiúde, sentado a lamentá-los
Saudoso verto lágrimas que enxugo,
Pois viver não podemos de tristezas;
Porém choro um
mormente, e o recordá-lo O
sono tira-me e o sabor, dos
Gregos 85

O mais acérrimo e
constante, Ulisses.
Quantas penas o fado
reservou-lhe,
Quantas a mim também
na ausência longa Se
respira ignoramos; e o
pranteiam

O decrépito pai, a honesta esposa,

90

Tenro o filho Telêmaco deixado.”

À lembrança de Ulisses,
água chove Dos olhos do
mancebo, que às mãos
ambas Esconde-os n’aba
do purpúreo manto:
Menelau o descobre; em si
reflete

95

Se o deixa declarar-se, ou
prossequindo Lho pergunte
e se explique. Entanto,
Helena Do alto assoma
camarim fragrante,
Qual Febe de arco de
ouro: Adestra logo
Chega-lhe uma poltrona,
traz-lhe Alcipe 100

De lã mole tapete, e Filo o argênteo
Rico açafate dádiva de Alcandra,
Mulher de Pólibo, o da
Egípcia Tebas, Em
maravilhas célebre.
Houve dele

O flavo rei de prata duas tinas,

105

Duas trípodas e áureos
dez talentos; Houve de
Alcandra Helena roca de
ouro, De ouro com orlas e
redondo embaixo O
açafate que Filo

apresentou-lhe
De preparado fio, a roca em cima
110
E roxa lã. No assento e de escabelo
Aos pés Helena, a Menelau inquire:
“De Jove aluno, que
hóspedes nos honram?
Quer acerte, quer não, falar
desejo:
Tanto não vi, de vê-lo
estou pasmada, 115
Mulher nem homem
semelhar-se a outrem!
Aposto haver Telêmaco ante
os olhos, De Ulisses ramo,
que o deixou de berço,
Quando magnânimo entre os
nobres Graios Foi debelar,
por minha culpa, Tróia.” 120
E o marido: “Consorte, o
mesmo cuidado. As mãos tem
dele e pés, cabelo e testa, O
penetrante olhar; do herói me
lembra, Do que por mim
sofreu, do que inda sofre: Há
pouco o moço, em lágrimas
desfeito, 125
No purpurino manto as escondia.”
Pisístrato ajuntou: “Pastor de povos,
Ele é sim, que modesto
aqui primeiro De
interpelar se peja a um

rei tamanho, Cuja
encantada voz nos
regozija.

130

O ancião Nestor
mandou-me acompanhá-lo;
Vem pedir-te ou socorros ou
conselho; Sendo ausente seu
pai, na própria casa Ah!
padece, e lhe faltam
protetores, Falta-lhe povo que
remova o dano.” 135

E o rei: “Que! no meu teto
o filho tenho De quem por
mim correu perigos tantos!
Sobre os outros heróis o
amava eu sempre, Se feliz
travessia às naus veleiras
Nos concedesse o
próvido Satúrnio. 140

Cidade evacuando a mim sujeita,
Paços lhe erguera, e de
Ítaca ele a gente, Família
e bens à Argólida
passava.

Em contínua aprazível convivência,
Nada nos separava,
antes que a morte 145

Nos cobrisse de trevas.
Mas o Olímpio Tal dita
inveja, nega-lhe a
tornada.”

Gera-se um vivo pranto:
Helena chora, Chora o
esposo e Telêmaco; o
Nestório, Não enxuto,
recorda-se de Antíloco, 150
Morto às mãos de Mênon
da Aurora filho, E bradou:
“Prudentíssimo aclamar-te
Nestor em nossas práticas
saía;
Digna-te ouvir meu
parecer, Atrida: À
mesa nunca choros
me recreiam,

155

Mas na alvorada removê-los cabe;
Só consagram-se aos
miseros defuntos Cortada a
coma e lágrimas sentidas. O
irmão perdi também, que
reconheces Não era o mais
imbele: ouvi que a muitos,
160

Pois lá não fui, se
avantajou garboso
Velocíssimo Antíloco e
bizarro.”

Atalha o Atrida: “Em
obras e palavras
Prudência inculcas de
maduros anos; Saíste ao
celso pai, querido jovem.

165

Fácil o sangue de um
mortal se estrema A
quem ditoso berço e
casto leito

O Satúrnio fadou; como o Nelide,
Que em velhice pacífica desliza
Entre guapos herdeiros valorosos.

170

Mas suspenda-se o luto; as mãos se lavem,
Toca a cear. Telêmaco à vontade,
Raie a manhã, conversará comigo.”

Água ministra Asfálio,
atento servo; Deitam-se os
convidados às viandas.

175

Helena al excogita: anexa ao vinho
De nepentes porção, que
aplaque as iras E as
tristezas desterre; o que
a bebesse Não brotava
uma lágrima no dia,
Por mãe nem genitor,

irmão nem filho, 180

Que visse degolar. De Jove à prole
Dera bálsamos e ervas Polidana,
De Fono Egípcia esposa, cuja terra
Os reproduz saudáveis ou nocivos,
E onde o médico excede

os homens todos 185

E de Péon descende.
Helena exclama,

Preparada a poção: “De
heróis procedem, Sim,
divo Menelau; mas
poderoso
Dispensa o Eterno as
mágoas e os prazeres.
Discursando o festim
saboreemos;

190

De gratas narrações
vou deleitar-vos. Todas
não posso referir
proezas

Do sofrido varão
durante o assédio; Onde
os Aqueus mil transe
aturastes; Mas uma
contarei. De chagas
torpes 195

E andrajos desfeito, qual
mendigo, Em Ílio
introduziu-se, e em pobre
escravo Da mesma frota
Argiva disfarçou-se. Por mim
só conhecido, ele às
perguntas Me quis
tergiversar; mas, quando ao
banho 200

O ungi, vesti-o. e lhe jurei segredo
Até que aos pavilhões e
às naus voltasse, Me
revelou dos Gregos os

projetos. Alguns matando à
espada, cheio foi-se De
informações. As Teucras
ululavam; 205

Eu me alegrei, pois já
de novo o peito Patrizar
me pedia, arrependida
Sentindo o haver, a
impulsos da Cipônia,
Largado a casa, a filha, o
toro, o esposo, Que em
talento e beleza a ninguém
cede.” 210

O marido aplaudiu-a:
“Sim, consorte, Muito hei
peregrinado, heróis vi
muitos; O coração de
Ulisses nenhum tinha:
Paciente, engenhoso, e
forte e sábio, Quanto
ideou, quanta mostrou
constância,

215

No cavalo artefato, em
que os melhores Clade e
exício aos Trojúgenas
levamos! Com Deífobo
divino ali vieste,
E em seu favor um
nume te inspirava; Em
três giros, palpaste a cava
insídia, 220

E com voz da mulher
de cada chefe Os
nomeavas todos. Eu
no centro

E Tídeus e Ulisses te escutam:
Surdir os dous ou
responder quisemos; No
ímpeto e fogo Ulisses nos
conteve. 225

Calam-se os mais, ia falar Anticlo;
Com mãos robustas
pertinaz Ulisses Lhe aperta a
boca, o exército preserva,
Até que enfim reconduziu-te
Palas.” Eis Telêmaco: “É
duro que as virtudes, 230

Sublime rei, da Parca o
não livrassem, Qual se
tivesse um coração de
ferro. Mandai-nos ora
aonde ambos logremos As
delícias do sono.” — Presto
Helena Desdobrar faz ao
pórtico umas camas 235

De almofadas e
espessos cobertores E
purpúreos tapetes:
logo as servas
Aparecem de facho, e tudo aviam;
Conduz arauto os
hóspedes; lá dormem O
herói Telêmaco e o Nestório

egrégio. 240

Pernoita Menelau na
interna alcova, E a mais
gentil mulher nos braços
dele. Do éter gênita,
surde a roxa aurora:
Desperta, veste-se o
belaz Atrida;

Cingindo a espada, as
nítidas sandálias 245

Calça, e ao pé do
Ulisseida vem sentar-se:
“Que precisão, Telêmaco,
rasgado

O equóreo dorso, te
conduz a Esparta? É pública
ou privada? eia, franqueza.”
Prudente o moço: “A ti,
senhor, pujante, 250

Vim para de meu pai colher
notícias. Enchem-me a
casa, arruínam-me a
fazenda, Matam-me negros
bois, e ovelhas pingues Os
procos de Penélope,
vorazes,

Arrogantes, violentos e
importunos. 255

Conta-me, eu te
suplico, a morte sua, Se
a viste ou referiu-te um
forasteiro. Foi no ventre

materno à dor votado! A
minha tu não poupes,
nada ocultes;

E, o caro genitor se em tudo e sempre
260

Te era fiel na desastrosa guerra,
Isso lembre-te agora e não
me iludas.” O Espartano
suspira: “Oh Céus! cobardes
Ao tálamo aspirar de herói
tamanho!

Se, em covil de leão depondo acaso
265

Os filhinhos de mama, o vale e monte
Lustra a corça a pastar,
entrando a fera Os
esgana cruel: destarte
Ulisses

Lhes dará morte certa. Ele se ostente,
Ó Jove, Palas, Febo, como em Lestos
270

Quando com Filomelides em luta,
O prostrou com prazer dos
bravos Gregos: A boda em
breve acerba lhe seria.

Satisfazer-te vou no que me imploras;
Dir-te-ei sem rebuço quanto arcano
275

Aclarou-me o veraz marinho velho.”
“Os deuses, que nos
punem, de olvidá-los,
Impaciente no Egito me

retinham,
Porque faltei com justas hecatombes.
Lá Faro surge à flor da azul campina,
280

De foz em fora, quanto
em singradura Marcha
popa a que vende aura
sonora; Tem um porto
seguro e boa aguarda,
E ao pélago os baixéis
dali descendem. Uns
vinte dias, não soprando
Eolo,

285
Que pelo undoso ponto os nautas leva
E a planície lhe encrespa,
eu demorado, Com poucas
provisões, lassa a
companha, Desesperava
já, quando Idotéia,
Do potente Proteu marinha prole,

290
Ocorreu compassiva a mim sozinho;
Que os mais de curvo anzol,
do ventre urgidos, De toda a ilha
em derredor pescavam.

Acometeu-me a deusa: —
“Estulto ou fátuo, Ficas-te,
hóspede, em mágoas te
apascentas, 295

E enquanto aqui sem
termo estás detido,

Langu e definha o
coração dos sócios.” “Ó
deusa, contestei, seja
qual fores, Por meu gosto
o não faço, mas suponho
A celícola algum ter
ofendido.

300

Ora dize, a imortais é claro tudo,
Quem assim me proibe o
mar piscoso. — “Ela
ingênua me foi: — Do Egito
o velho,
De Netuno ministro, aqui se aloja,
Proteu meu pai, que as

úmidas entranhas 305

Tem sondado e conhece.
Há de ensinar-te, Se obténs
prendê-lo, como a rota sigas,
E se o queres também, de
Jove aluno, Os maus ou
bons domésticos sucessos
Durante erros teus no
instável pego — 310

Eu porém: — Com que
insídias surpreendê-lo
Poderei, sem que fuja ao
pressentir-me? Não é para
mortais vencer a numes. —
“A guapa ninfa continua:
Atende.

Ao meridiano Sol, do salso abismo,

315

Hirtas sobre a cabeça as
fúscas ondas, Surde o
ancião de Zéfiro aos
sonidos; Numa espelunca
dorme, e em torno juntos
Ápodes focas de
Halosidna bela,
A exalarem ascosa maresia.

320

N'alva, hei de collocarte
em sítio azado, Com três
que elejas da valente
frota.

Seus ardis eu te
expendo. Cinco a cinco,
Ronda e enumera as focas,
e no meio Deita-se qual
pastor com seu rebanho;

325

Sopita-se depois. De jeito e força
Os agarreis, bem que anele
escapulir-se; E em serpe ao
converte-se, em água, em fogo
Tende-o mais duro e firme, até
que o velho, Já volto à prima
forma, a interpelar-te 330

Comece. Inquire então que
nume avesso Te fecha o
mar piscoso. — Ei-la
mergulha; N'alma comoto,
às naus varadas corro.

Depois da ceia, inteira a
noite amena

Pela praia arenosa adormecemos.

335

“Já vermelha a manhã, do
imenso lago À borda
chego a suplicar os
deuses,

Mais três seguros
destemidos sócios.

Para enganar o pai, do
fundo a ninfa

De focas sai com
frescas peles quatro; 340

Camas na areia escava,
à espera tem-se; Vê-nos
enfim, nas camas nos
concerta, A cada qual em
sua pele enfronha.

Tetra cilada! os focas trescalavam
Nutridos na salsugem:

de um cetáceo 345

Quem pode ao pé jazer? útil a deusa,
Neutralizando o cheiro, doce ambrosia
Nos unta às ventas: A
manhã passamos, Com
paciência os quatro;
acima os focas Surgindo,
junto a nós se
enfileiraram.

350

“Merídio vem Proteu;

conta, examina, Por nós
princiando, o gado
obeso,
E sem dar pelo engano ali se estende.
A vozearmos súbito o agarramos:
Sem lhe esquecer o ardil,
muda-se o velho 355

Em jubado leão, drago, pantera,
Cerdo, riacho, ou tronco
de alta copa; Mas, com
tenacidade urgido, o
astuto

Lasso vociferou: — Que
deus, Atrida, A forçar-me
instruiu-te? que pretendes?
— 360

Mas eu: — porque me
enganas, tu que sabes Que
ansioso estou sem termo
aqui detido? Ora dize, a
imortais é claro tudo,

Quem assim me proíbe o mar
piscoso? — “Devias,
respondeu-me, antes do
embarque 365

Sacrificar ao Padre e à corte sua,
Para alcançares próspera viagem.
Amigos não verás, nem
pátrio alvergue, Sem que
ao Dial Egito rio volvas

E às divindades hecatombes sagres:
370

O teu desejo então será cumprido. —

“Magoado por de novo
irmos ao rio, Longa
árdua rota em
borrascoso pego, Inda
insisti: “Proteu, quanto
me ordenas Preencherei;
mas dize-me sincero

375

Se os Arquivos que em
Tróia se apartaram De
Nestor e de mim respiram
todos,

Se algum morte imprevista,
após a guerra, Teve a bordo ou
nos braços dos amigos. Ele: —
Indagas, Atrida, os meus
segredos? 380

Olha que d'água os olhos
não te banhem. Dos livres
da matança em que te
achaste, Só morreram
dous chefes arnezados,
E um vivo está no meio do Oceano.

Ante as remeiras naus,
bebendo as ondas, 385

Ajax de Oileu da Parca foi preado:
Primeiro às pedras o lançou de Giras
Favorável Netuno, onde escapara
Mal grado a Palas, se
ímpio não bramasse Que era
salvo apesar dos mesmos

deuses; 390

Eis, da blasmêmia azedo, o rei dos
Pega do seu tridente e fere a penha
Aos pés de Ajax, que se
abismou no fundo Com
porção do rochedo. Em
cavo bojo

Foi por Juno Agamemnon preservado;

395

Mas, ao dobrar o Maléia, uma tormenta
O arrojou pesaroso ao campo extremo,
De Fiestes morada, ora de Egisto:
Seguro cria-se, e mudado o vento,
Recolhidos os deuses, o chão pátrio

400

Beija alegre e o ensopa
em quente choro. Um
vigia o avistou, que o ano
inteiro,
De dous áureos talentos com promessa.
Pôs de atalaia Egisto, e que era atento,
Por temer que, aportando inopinado,

405

O herói do seu valor se recordasse;
Denunciá-lo foi. Súbito Egisto,
Insidioso, valentões da plebe
Vinte escolheu, que
estavam de alcatéia,
Aprestado um banquete
em outra sala.

410

O traidor, meditando, em coches parte

O Atrida a convidar, que à ceia incauto,
Como a rês no presepe, é trucidado;
Nem sócio deste, nem de Egisto mesmo
Poupam na régia os
brutos matadores. — 415

“Cai na areia em pranto, e
compungido Viver nem ver
queria ao Sol a face.
De prantear cansei-me e rebolcar-me,
E então Proteu: — O luto
é sem remédio, Basta; a
Micenas corre; ou vivo ou
morto 420

Ou de Orestes punido, ao
menos chegues Para os
seus funerais. — Isto me
acalma O generoso peito,
e veloz falo:
— Pois bem, doa-me embora,
esse outro ou preso Ou morto
no Oceano me declares. —
425

“Prossegue o vate: — É o
Ítaco Laércio. Na ilha o vi
desfeito em grossas
lágrimas. Por Calipso retido,
e sem navio
Para vogar no páramo salgado.
Genro de Jove, tu de Helena esposo,
430

Morrer em campo Argólico não deves,
Mas, junto ao flavo

Radamanto, o Elísio
Deleitoso habitar, confins
da terra;
Onde os humanos docemente vivem,
De temporais, de neves, de invernadas

435

Sempre isentos, e de auras do Oceano
Fresco bafejo e respirar suave. —
Então sumiu-se no espumoso ponto.

“Com meus divinos sócios, no
embarcarmos, lá deliberando,
e espessa a noite,

440

Finda a ceia, no seco repousamos.
No matutino albor, em nado os lenhos
De amuradas iguais, mastros eretos
E tendidas as velas, de seus bancos
Batem remeiros o espumoso pego.

445

De novo ao rio Egito navegamos,
E apaziguado o Céu com sacrifícios,
Do irmão levanto em
honra um cenotáfio.

Prosperamente os ventos
assoprando,

Mandam-me os deuses à
querida pátria. 450

Agora, fica tu comigo uns dias,
Dez ou doze; haverás válido coche,
Três corcéis, linda copa,
que, em sagradas
Libações, deste amigo te

recorde.”

“Não me detenhas
replicou Telêmaco. 455

Um ano, deslembado o lar paterno.
Dessa boca eloqüente aqui pendera;
Mas, já com tédio, na divina Pilos
Meus sócios, Menelau, por
mim suspiram. Dás-me um
tesouro; eu deixo-te os
cavalos 460

Nas mimosas campinas
em que imperas, Onde à
larga germinam loto,
junça,
Trigo, cevada e espelta; lá nem tenho
Vastos circos nem
prados: só de cabras, Não
de poldros nutriz, me é cara
a terra; 465

Pois, Ítaca mormente, em roda as ilhas
Do nosso mar em pastos
não verdejam.” Ri-se o
pugnaz Atrida, e a mão lhe
cerrou: “És de bom sangue,
acertas. Posso, filho, Pela
mais bela a dádiva trocar-te
470

Por argêntea cratera de áureas bordas,
Lavor exímio de Vulcano mesmo:
Foi do rei dos Sidônios glorioso
Prenda, ao nos
despedirmos; de hoje é

tua.” E entanto em sala
interna resplendente

475

Concorrem: quem
ovelhas, quem trazia O
vigoroso vinho; o pão, de
fitas

Ornadas moças. Laut a
ceia aprestam. Mas de
Ulisses na régia, ao disco e
dardo

Os procos num calçado se exerciam

480

Pátio, que da protérvia era o teatro;
E, ao pé de Antino e
Euríniaco deiformes,
Indagou Noémon, de
Frônio garfo:

“Sabe-se, Antino, da arenosa Pilos
Se Telêmaco é vindo? Em meu navio

485

Foi-se, e a Élide vasta ir necessito;
Éguas doze lá tenho e mus bravios,
E alguns desejo acostumar ao jugo”.

Atônitos calaram, que o supunham
Em Pilos não, mas a

velar nos prédios, 490

No pastor e na grei. De golpe Antino:

“Quando, como partiu? seletos jovens
De Ítaca tem consigo, ou tão somente
Mercenários e escravos?

Que ardileza! Fala a

verdade; a nau, por força a
deste, 495

 Ou cedendo a seus rogos voluntário?”

 Súbito Noémon: “Fi-lo
espontâneo. A preces de
homem tal quem não cedera, E
em tanta angústia? A gente
mais luzida E a Mentor vi no
embarque, ou certo um nume,
500

 Que em tudo o parecia.
Mas, oh! pasmo, O divino
Mentor bem que
embarcasse, Na manhã de
ontem me encontrei com
ele.” Disse, e à casa
paterna recolheu-se.

 Os audazes, comotos e aterrados,
505

 Se abstêm dos jogos. O
Eupiteio ruge, De rábido
furor, olhos em brasa:
“Oh! que atrevida
empresa! de acabá-la
Julgado era incapaz:
mocinho, às ondas, A
despeito de nós, deitou
navio,

510

 E com gente escolhida foi-se impune.
Este começo nos agoura danos,
Se o não tolhe o Satúrnio. Já, ligeiro

Baixel de vinte remos;
que, à passagem De
Ítaca e Samos numa
espera, conto

515

Que a viagem por seu pai
lhe seja amarga.” Aprovam
todos e ao palácio montam.

Médon, que ouviu de fora o
atroz conluio, Pelo pátio
açodou-se a anunciá-lo,
E Penélope indaga: “Eles te enviam,

520

Para que as servas do divino Ulisses
Terminem seu trabalho e a
mesa ponham? Basta de
importunar-me e a quaisquer
outros.

Esta lhes fosse a derradeira ceia!
Ó vós que ao meu Telêmaco amiúde

525

A substância esbanjais,
nunca em meninos Quem
seu pai era aos vossos
escutastes? Brando ao povo,
em palavras comedido, Justo
e humano, alguns reis não
semelhava Que ódio e favor
dispensam caprichosos. 530

Ah! vós lho agradeceis com
torpes feitos.” E o sensato
Médon: “Fosse, ó rainha,

Esse o mal todo! os
bárbaros meditam, Jove o
remova, assassinar teu
filho

Ao regresso de Pilos e de Esparta,
535

Aonde foi colher de Ulisses novas.”

Do abalo sufocada, esmorecida,
Joelhos frouxos, lágrimas nos olhos,
Estúpida soluça e balbucia:

“Que! nada urgindo,
cavalgou meu filho 540

Num dos corcéis do mar que
a salsa imensa Via atravessam!
Nem pretende ao menos
Renome entre os humanos!” —

“Eu ignoro, Torna Médon, se
um deus, se impulso próprio
Fê-lo ir do pai no alcance, ou
vivo ou morto.” 545

Nisto, o arauto a seu posto
recolheu-se. Bem que a
sala em cadeiras
abundasse, Atormentada
ao limiar sentou-se
Da câmara custosa, a lastimar-se;
Em ais cercam-nas as
servas quantas eram, 550

Velhas e moças, a quem diz
chorando: “O Céu me aflige,
ó caras, mais que a todas
Que nasceram comigo e se

criaram:

Meu marido perdi, leão no esforço
De virtudes complexo,
espelho aos Dânaos, 555

De Hélade e Argos
espanto; ora o só filho
Preia inglório será das
tempestades.

Cruéis, vós que o sabíeis, à partida
Acordar-me do leito não viestes:

Se eu da sua intenção fosse inteirada,
560

Ele ou não ia ou morta me deixara.

Uma aqui chame a Dólio, o
velho escravo. Paterno dom,
cultor dos meus pomares;
Corra, informe a Laertes, e
este ao povo Deplore a trama
que extinguir a estirpe 565

Dele e de Ulisses divinal promove.”

A ama Euricléia então: “Querida ninfa,
Mates-me a duro bronze, ou
bem me poupes, Não te
oculto, ciente o pão e o
vinho Eu mesma forneci;
jurei sagrado

570

Por doze dias, salvo ou pressentires
Ou vê-lo desejares: tinha medo
Que te ofendesse o
pranto as faces belas. Tu
purifica-te e alvas roupas

cinge,
No alto com tuas fâmulas implora
575

A Tritônia que o filho te conserve;
Não contristes o velho. Eu
não presumo Que o Céu
deteste a geração de
Arcésio: Sequer nos
restará quem nesta régia
Mande em longínquos
ubertosos campos.” 580

Com isto aliviada,
enxuga os olhos; Sobe,
e se purifica e se
reveste,
Ora com suas fâmulas, esparso
De açafates o farro:
“Ouve-me, ó gérmem Do
aluno e Amaltéia; se o
prudente

585
Ulisses te queimou de
ovelha ou touro Gordas
pernas, conserva-lhe o só
ramo, Daqui me afasta os
arrogantes procos.” Geme
e ulula; aceitou-lhe os
votos Palas. Pelos
escuros átrios em tumulto,

590
Sem suspeita, os
protervos se diziam:

“Certo, ignara do risco
de seu filho,
Cobiçada a rainha
apresta as bodas.” Mas
Antino os atalha:
“Endiabrados, Calai-vos,
pode alguém
denunciar-nos; 595

Tácitos nosso plano executemos.”

Vinte escolhendo, lesto à
praia os guia; Eis, o baixel
em nado, o mastro erigem,
Remos aos bordos em
correias atam, Armas
carregam valorosos
pajens,

600

E dos envergues fora as
brancas velas, Comem de
largo, esperam que
anoiteça. Penélope, em
jejum, no andar cimeiro,
Só no inocente cuida, se
ele escape,

Ou se aos golpes
sucumba dos traidores: 605

Como temendo, em círculo doloso
De montanheses, o leão cogita,
Ela pensa e repensa, e recostada
Lhe amolenta as juntas
meigo sono. Palas, que isto
aguardava, uma aparência

610

Da Icária Iftima, em Feres com Eumelo
Casada, aos paços de Laércio expede,
Porque o pranto a Penélope refreie;
Na câmara a visão, por entre o loro
Da fechadura entrando, à cabeceira:

615

“Adormeces, Penélope, lhe brada,
Aflita e mesta? Os numes
não permitem Essa
tristeza; reverás teu filho,
Que nunca os ofendeu nem levemente.”
Às portas já Penélope dos sonhos

620

Adormentada, fala: “A que vieste,
Irmã, que, ao longe moradora, nunca
Me visitavas? queres que eu deponha
As dores e aflições que n’alma sinto?
Perdi meu bom marido,

exemplo aos Dânaos, 625

Honra da Grécia: agora o só renovo,
Inexperto em negócios e em trabalhos,
Meteu-se em cava nau.
Mais choro a este; Que se
afunde, ou padeça em
clima alheio, Temo e tremo:
inimigos o insidiam,

630

E antes que volte aqui
matá-lo anseiam.”
“Ânimo, ajunta, o fusco
simulacro;

Não te assustes que o
segue uma de todos
Aparecida: a consolar-te
as penas
A potente Minerva a ti mandou-me.”

635

“Se és deusa, diz
Penélope, ou da deusa
Ouviste a voz, do outro
infeliz me informes: À luz do
Sol acaso inda respira,
Ou jaz defunto na Plutônia estância?”

A sombra contestou: “Se é
morto ou vivo 640

Omito, é vão discurso.” E como vento
Por entre a fechadura esvaeceu-se.
Desperta a Icária, exulta ao ver o sonho
Da noite na calada sobrevir-lhe.

A úmida via os pérfidos sulcavam,
645

De Telêmaco o exício ruminando.
Fica entre Samos e Ítaca fragosas
Ásteris, ilha exígua, de pastagens,
De abras, de uma e outra
banda, ao crime azadas, Para a
traição, de espreita, ali se
escondem.

NOTAS AO LIVRO IV

9-21 — Diz Homero que uma serva, na
ausência de Menelau, a este pariu um filho.
Pretende M. Giguet que Megapentes nascera na

velhice do pai; o que era impossível. Partido vinte anos antes e de fresco recolhido, ou Megapentes era gerado antes da expedição ou depois da vinda de Menelau: no primeiro caso, este era moço; no segundo caso, era Megapentes uma criança e não tinha idade para casar. Télugetos, segundo Hederico e os seus continuadores, significa: 1.º) e é o sentido próprio, nascido ao longe na ausência do pai; 2.º) nascido na velhice; 3.º) de mui tenra idade; 4.º) querido de seus pais. Pelo acima exposto, é evidente que o adotável é o primeiro. — Se, no verso 21, em vez de quiçá usasse eu de talvez, desagradável seria e duro: muito mau serviço fizeram os que afastaram da língua uma infinidade de palavras sonoras e expressivas.

32 — Espelta, de que já me servi em outras obras, spelta ou zea em latim, é uma espécie de trigo, e tem o mesmo nome em italiano, em castelhano e em português, posto que não venha em dicionário nosso: em francês, épeautre.

176 — @epentes, adjetivo que significa sem dor ou que dissipa a dor, é tomado substantivamente por certa erva ou remédio que produzia o mesmo efeito.

219-221 — Cava insidia, significando o bojo do cavalo, é uma arrojada expressão, que eu não quis apoucar. — Acho razão em Rochefort quando opina que há interpolação nesta passagem, por ser indigno de Homero que Helena fosse contrafazer a voz das mulheres dos que estavam dentro do

cavalo; e é tanto mais ridículo quanto é certo que essas mulheres não estavam em Tróia, nem os maridos podiam acreditar que elas, de um dia para outro, chegassem todas para os excitar. Conservo a passagem, não querendo ser tachado de omissor; mas não creio que tal qual fosse escrita pelo poeta.

299 — Algum, posto que venha posposto a celícola, não é em sentido negativo. Constâncio categoricamente afirma que homem algum significa homem nenhum; mas este erro grosseiro é um dos seus freqüentes caprichos; nem ele cita, nem se podem citar exemplos, de autor que faça fé, em justificação do seu parecer: o único de Barros, onde houve a omissão de um non, está longe de contrabalançar os inumeráveis de Camões, Ferreira, Sá de Miranda, Côrte-Real Bernardes, Leão, Mausinho, Ordenações do Reino, e outros que alega Morais.

368-448 — O rio Egito que deu nome à região, ainda não se chamava Nilo no tempo de Homero; e esta é uma das razões que provam ter sido o poeta anterior a Hesíodo, que já usa do nome Nilo. — O verso 448 é um de Camões no seu episódio de Adamastor.

600-601 — Alguns vertem que os pretendentes amararam-se logo, soltaram as velas e esperaram pela noite: ora, eles esperavam que anoitecesse para partirem; não soltaram as velas, somente as desenvergaram e as tiveram prestes para à noite saírem imprevistamente; nem se amararam,

somente se puseram de largo, o que é diferente: os navios, antes de largarem, costumam colocar-se um tanto afastados do porto.

LIVRO V

Mal surge a Aurora do Titônio leito,
O mundo alumando, à corte sua
Preside o poderoso Altitonante,
E Minerva solícita o Laércio,

5

Pela Ninfa retido, assim deplora:
“Ó padre, ó vós beatos sempiternos,
Cetrígero nenhum será benigno,
Reto e humano, sim duro e
injusto e fero; Pois ninguém,
entre os povos de que Ulisses

10

Era um pai, já se lembra dos pesares
Que padece, impedido por Calipso,
Faltando-lhe galé que à pátria o leve
Pelo equóreo amplo dorso.

O nobre herdeiro Traçam-lhe
assassinar, que a Esparta e
Pilos 15

Foi do afamado pai colher notícias.”

E o Nubícogo: “Filha,
que proferes? Não
projetaste mesma o como
Ulisses Venha e se vingue?
O filho guiar podes, E a nau
dos pretendentes
retroceda”. 20

Vôlto a Mercúrio: “Núncio e
amada prole, Já já, que a
ninfa de cabelos crespos
Solte o herói: Nem varão
nem deus o ajude: Em
tecida jangada a curtir
penas,
Ao vigésimo dia arribe à esquéria;

25

Donde os Feaces, a imortais
propínquos, Honrado a par
de um nume, à terra o
enviem, Em nau de alfaias e
ouro e bronze onusta,
Quanto nunca, se incólume
tornasse,

Do espólio que lhe
coube, transportara: 30

O lar e os seus rever tem
por destino.” Calça o Argicida
os áureos seus talares, Com
que, parelho aos ventos, o
amplo globo E o vasto mar
transcursa; a vara toma Que, a
seu prazer, dá sonos ou
desperta; 35

À Piéria descai, e rui dos ares
E à tona d’água aleia,
qual peixinhos Por
inquieta golfo o
guincho caça,
Crebo na espuma as asas imergindo.

Já do azul ponto à ínsula apartada
40

Voa, e à gruta caminha de Calipso:
De longe tuia recendia e cedro,
Ardendo no fogão; melífluas árias
Ela entoava, a teia percorrendo
Com lançadeira de ouro.

Em torno à gruta 45

Choupo, odoro cipreste, alno viceja;
Ali — extensas no bosque
aninham-se aves, Gaviões
e bufos, linguareiras
gralhas, Ao marinho bulício
afeiçoadas.

Fora, parreira de pubentes ramos

50

Flores em uvas; quatro fontes regam
De água pura,
chegando-se e fugindo,
Aipos e violais em
moles veigas:
Um deus pasmado ali se deleitava,
E o fez Mercúrio assim.

Deve ver saciado, 55

Ele dentro penetra, e a ninfa augusta
Num relance o conhece;
porque os deuses Por
distantes que morem, dão-se
todos. Lá não encontra o
generoso Ulisses, Que era
na praia, os macerados
olhos 60

Pelo ponto infrugífero estendendo,
Em suspiros e lágrimas. Num trono
Maravilhoso e esplendido sentado,
A ninfa o inquire:

“Venerando amigo, De áurea
vara a que vens? não vinhas
dantes. 65

Cumprirei, no que possa, os
teus mandados.

Hospitaleiros dons vou
presentar-te.” Ela, em mesa
que alçou, mistura ambrosia
E rubro néctar. Saboreia
alegre

E diz Mercúrio: “Deusa, em
deus perguntas 70

A que venho? Obrigado
fui por Jove: Quem
voluntário atravessava o
ingente Pélago salso,
onde cidade falta

Que nos sagre solenes hecatombes?
Mas transgredir-lhe as
ordens não podemos. 75

Dos que os Priameus sitiados muros
Ao décimo ano destruíram, consta
Que tens contigo o mais
desventuroso: No
regresso ofendida,
excitou Palas

Tempestade em que os
sócios pereceram; 80

Salvo abordou só ele às praias tuas.
Quer Jove que o mais breve
o deixes livre; Dos seus não
morra ausente: amigos,
pátria,
O alto paço rever, tem por destino.”
Freme Calipso e rápido responde:

85

“Cruéis sois todos, ínvodos, ciosos
De que em seu leito às
claras uma deusa Mortal
admita e ame e aceite
esposo. Roubado Órion da
Aurora dedirrósea, O
invejastes, vós deuses té
que Febe 90

Casta e auritrônia o
derribou na Ortígia Com
brandas frechas; de
Jasão cativa, Quando
num trietérico pousio
Com ele Ceres de anelada coma
Ajuntou-se amorosa, a fulminá-lo

95

Foi pronto Jove: agora, ó
deuses, tendes Zelos
desse homem, que salvei
lutando Sobre a quilha de
nau despedaçada
Pelo mesmo Tonante, e que sozinho
Arrojam-me à ilha as
negras ondas. 100

Carinhosa acolhi-o, na esperança
De isentá-lo da morte e da velhice;
Mas do Satúrnio o
mando irresistível
Execute-se, vague
pelos mares
De novo o herói. Não
posso despedi-lo; 105

Vasos faltam-me e nautas
que o transportem Por essa
imana via: hei de contudo
Mostrar-lhe o como ileso à
pátria volva.” “Despede-o
já, replica-lhe Mercúrio;
Nunca irrites a Júpiter,
nem queiras

110

Irado experimentá-lo.”
Disse, e foi-se. Dócil a
ninfa, se dirige à praia
Onde Ulisses longânimo gastava
A doce vida, os olhos
nunca enxutos,
Saudoso e enfastiado;
pois com ela

115

Por comprazer dormia
constrangido, E
gemebundo, o ponto
contemplando, Passava
o dia em litoral penedo.
Rosto a rosto lhe fala a

deusa augusta: “Cesse o
pranto, infeliz, não te
consumas; 120

Parte, consinto. Abate a
bronze troncos, De alto
soalho ajeita ampla jangada,
Em que o sombrio páramo
atravesses: De pão te hei de
prover e de água e vinho, De
agasalhada roupa; auras
favônias 125

Te levarão seguro à terra cara,
Se esta for dos Supremos a vontade,
Que em saber o juízo me superam.”

E arrepiado o herói: “Que
teces, deusa? Numa
jangada queres tu que eu
tente

130

As vagas horrendíssimas, difíceis
Às mesmas de iguais
bordos naus altivas, Do
Etéreo aos sopros a
exultar afeitas? Não farei
tal, solene se não juras
Que nenhum dano, ó
deusa, me aparelhas.” 135

Sorri mansa Calipso, a
mão lhe afaga: “És
ardiloso e desconfias
sempre.

Já comigo o jurei; mas o orbe saiba,

O céu vastíssimo, a infernal Estige
(Grave aos numes terrível juramento),
140

Que nenhum dano,
Ulisses, te aparelho: No
teu caso obraria o que
proponho.

Férrea e iníqua não sou, mas
compassiva.” E anda e Ulisses
também, que entrado ocupa O
trono de Mercúrio; em frente, a
ninfa 145

Lhe oferece o que os
homens alimenta, E as
serventes a ela ambrosia
e néctar.

Saciados ambos, começou Calipso:
“Voltar queres, astuto, em
breve aos lares? Embora,
adeus. Se as penas
antevisses

150

Que te aguardam, comigo
em laço estreito Imortal
ficarias, bem que aneles

Tua esposa abraçar, cuja lembrança
Te rala de contino; em garbo e talhe
A sobrelevo; que as
mortais não podem 155

Comparar-se em beleza às
divindades.” Ulisses
respondeu: “Sublime deusa,

Não te agraves portanto; eu
sei que em tudo A prudente
Penélope transcendes,
Nem da morte és escrava
ou da velhice; 160
Mas para os lares meus partir suspiro.
Se um deus me empece,
como os já passados,
Suportarei constante os
outros males.”

Cai a noturna treva:
ambos num leito No
amor se deliciam. Na
alvorada,
165
Uma túnica e um manto Ulisses veste;
Veste a ninfa um sendal
cândido e fino, Faixa de
ouro gentil ata à cintura,
Orna a cabeça de elegante coifa.
A despedir o amante resignada,
170

Érea forte bipene lhe fornece
De oleagíneo cabo artificioso,
Enxó dá-lhe amolada; aos
fins o leva Da ilha, onde
medram árvores gigantes,
Choupo, alno, abeto e
percutir as nuvens, 175
Secos e aptos a vencer caminho:
Depois que a selva
mostra, à casa torna.

Ardente ele derruba
troncos vinte,

Falca, desbasta, esquadra,
alisa e talha. Com trados
volta a ninfa; o herói
verruma, 180

Cavilha, junta as peças:
quanto é largo De nau de
carga o bojo, obra de
mestre, Era a barca de
Ulisses. Finca espeques,
Pranchas estiva, um
tabulado forma; Antena ao
mastro anexa; mune o
leme, 185

Contra escarcéus, com
vergas de salgueiro;
Alastram-na pesados
lígneos toros.

De lona, por Calipso oferecida,
Vela engenha, e de
escotas e calabres O mastro
apruma; enfim, sobre
alavancas, 190

A jangada escorrega ao mar divino.

Ao quarto Sol perfeito o
seu trabalho, Por despedida
ao quinto a ninfa o lava,
Perfuma e veste; o vinho
em odre fecha, Num maior
água, em saco os acepipes,
195

O sustento em surrão; tépidas auras,
Meigas invoca. O pano
o divo Ulisses Contente
expande, lesto agita o
leme; Cortado o sono,
as Plêiadas observa,
Tardo Bootes, a Carreta
ou Ursa

200

Em Órion sempre fita ao
revolver-se A só que
foge os banhos do
Oceano: Ir desta à
esquerda lhe ordenou
Calipso Dias vários
navega, até que enxerga,
Já no décimo oitavo,
umbroso topes

205

Da mais vizinha terra, a dos Feaces,
Qual pavês a ondear no
escuro pego. Vem da
Etiópia e dos Sólimos
serros Netuno o avista;
sacudindo a fronte,
Em si raiva: “Ah! que
dele dispuseram 210
Na minha ausência os
deuses! Quase tocas Onde,
Laércio, é fado os males
findes; Mas nem todos
provaste”. Eis move o cetro;

Procetas concitando, altera
as ondas, A praia e o mar
enfusca, assola os ventos;
215

A noite rui do céu;
muge Euro, Noto,
Bóreas árido, Zéfiro
insolente.

No peito esmorecido o
herói murmura: “Ai de mim!
temo o anúncio de Calipso,
Que à pátria eu chegaria
atormentado. 220

Jove de que bulções
enluta os ares! Que
lufadas, que brenhas, que
borrascas! Presente o
exício tenho. Oh! três e
quatro Vezes ditosos os
que em Tróia sacra Por
amor dos Atridas
feneceram!

225

Acabasse eu na hora em
que êneas lanças Do
Aquileu corpo em cerco
me choviam! Lá funerais
houvera gloriosos:

Força é hoje beber
indigna morte.” Nisto,
empinado vagalhão
desaba, 230

Horrissono investido a
frágil barca: Demite o
leme e fora cai
Ulisses;

Um tufão rende o mastro,
e vela e antena Longe
arremessa. Os ventos o
soçobram; Vir ao de cima os
escarcéus lhe tolhem; 235

Pesam-lhe as vestes que
lhe deu Calipso. Surde
enfim, da cabeça
escorrendo água, Com
ânsias vomitando os salsos
goles; Mas não se olvida, a
nado o lenho aferra,
Senta-se vigoroso, engana a
Parca. 240

Ele à matroca em vórtices flutua,
Como Áquilo outonal pela
campina Montões joga de
folhas e de espinhos: Noto,
Euro, Bóreas, Zéfiro
contendem; Ora um, ora
outro, apossam-se da
presa. 245

Ino Cadméia, já falante moça
De torneado pés, que
entre as marinhas
Deusas é Leucotéia,
amiserou-se
Do seu penar; do fundo na figura

De um mergulho
saindo e na jangada 250

A revoar pousando:

“Infeliz, disse, Porque o
Enosigeu te aflige e vexa?
Ruja, que não sucumbes.
Sê cordato, As vestes e o
madeiro entrega às vagas;
Lança-te a nado à ilha,
onde um refúgio 255

Se te destina; toma, e aos
peitos esta Cinge, para
salvar-te, imortal banda.
Ao negro ponto, às praias
mal que atinjas, Virando
as costas, para trás a
arrojes”.

Dada a banda, as maretas
remoinhando 260

Nas entranhas a
escondem. Cauto Ulisses
Geme e hesita em seu
ânimo divino:

“De um nume que
ilusão! Desobedeço,
Pois a terra indicada é
mui remota.

Antes sofrer com
paciência, enquanto 265

A barca se sustém; nadar pretendo
Assim que a
desconjunte a

marulhada: Outra
nenhuma salvação me
resta”.

Grosso escarcéu Netuno
eis sublevando, Qual dissipa
em tufão de palha acervos,
270

Traves destroça e tábuas furibundo:
Num dos pedaços leve o
herói cavalga, Despe-se,
a banda cinge, prono
estira

Os braços vigorosos, ardente nada.
A cabeça o tirano azul meneia,
275

Consigo diz: “Batido pelas ondas,
Padece agora, até que aos
homens chegues De Jove
alunos; desta feita espero
Escarmentar-te”. E ao ínclito palácio
De Egeu move os
cavalos crinipulcros. 280

Palas não se descuida:
aos outros ventos Obstrui
as vias, e os sopita e
calma;

Deixa o Bóreas soprar e
os mares quebra, A fim
que a salvo se introduza
Ulisses Entre os Feaces
do vogar amigos.

285

Duas noites flutívago e dous dias
A cada instante a morte imaginava;
Mas na aurora terceira,
quedo o ruído, Sereno o
ar, de cima de uma vaga
Olhos aguça e a ilha vê mais perto.

290

Como se alegra o filho, cujo enfermo
Pai dileto, por graças dos Supremos,
Sara de uma longuíssima doença,
De que um gênio odioso
o atormentava; Tal folga
ele da terra e da floresta.

295

Nos pés se estriba e insiste;
mas, a alcance De um grito,
ouve o murmúrio dos
rochedos, E a mareta a
roncar na árida costa
E de alva aspersa espuma
a cobrir tudo. Busca em torno
angra, porto ou surgidouro,
300

Acha recifes e ásperos cachopos.
Dos joelhos frouxo e de alma
quase morta, Geme e em seu
grande coração discorre:
“Ah! terra deu-me Jove inesperada,
Brenhas de água venci,
mas onde aborde 305
Não me aparece; agudas pedras vejo
E a fremir escarcéus, e lisa penha

Escarpada e a raiz na profundez.
Não posso os pés firmar
para evadir-me: Por mais
que eu lide, à resvalente
roca

310

Talvez do fluxo o ímpeto me esbarre;
Se além nado a encontrar
ou seio ou passo, Temo
que entre gemidos a
ressaca

Me empuxe e empegue, e
infenso deus me lance Algum
dos monstros que Anfitrite cria;

315

Sei quanto me é contrário
o grã Netuno”. Inda
pensava, e à crespia riba
um feio Esto o rebate; e a
cútis lacerava

E fraturava os ossos por Minerva
Se não fosse inspirado: a penha aferra

320

De ambas as mãos, e
aguarda em ais que o rolo O
deixe ao recuar, mas o refluxo
Ao largo o arrasta e
longe; e qual pólipó, Que
destacam da cama, traz
pedrinhas

Apegadas aos pés, retém o escolho

325

Das fortes mãos tenazes a epiderme.
Da marejada opresso, ah! perecera
Contra o fatal querer, se a gázea Palas
A prudência do herói não reforçasse.

Do fundo acima vem,
transnada e fende 330

Marulhos que bramindo a
costa orvalham, Uma abra
demandando, enseada ou
praia; A foz emboca enfim
de um rio ameno,
Tuto e limpo de pedras e abrigado;
Reconhecida a veia, orou devoto:

335

“Quem sejas, rio, atende
as preces minhas; Do furor
de Neturno a ti recorro.

Um peregrino é sacro aos
mesmos deuses: Eu,
peregrino errante, há muito
sofro;

Suplico, ó rei, de mim te
compadeças.” 340

Tranqüilo a correnteza o
rio amaina, Recebe-o em
sua areia. Ele os
nervudos Braços contrai
e pernas; combalido,
Inchado o corpo, alija amargas gotas
Pelos beijos e ventas; anelante,

345

Sem voz e extenuado, o

corpo estende. Resfolga
e areja, anima-se,
descinge
E entrega a banda ao rio,
que a transporta; Ino dela
se apossa. Em apartado,
Num juncal se reclina, e o
chão beijando, 350

Fala à sua alma grande:
“Ai! que me resta? Se ao
relento pernoito às
margens turvas, O rocio
matutino e as graves auras
Me abaterão de todo:
em selva opaca, A
consentir-me estar
cansaço e frio,

355

Dormirei sossegado; mas receio
Ser de feras escárnio e mantimento.”

Reflete, e envia-se à
floresta umbrosa, Em monte
ao pé do rio. Uma figueira E
um zambujo, a medrar na
mesma touça, 360

Ali de modo achavam-se enredados,
Que nem úmidos sopros,
sóis violentos, Nem chuviros
a copa transpassavam:
Debaixo acama Ulisses tantas
folhas, Quantas para a abrigar
dous ou três homens 365

Em rigoroso inverno bastariam;
Ledo se deita e chimpa-se no meio.
Qual, no extremo de um
campo sem vizinhos,
Conservando semente para
o fogo,
Mete alguém seu tição
na escura cinza; 370
O paciente herói se esconde nelas.
Palas, porque o
descanse das fadigas,
Lhe derrama nas
pálpebras o sono.

NOTAS AO LIVRO V

120-121 — É notável que a descrição da jangada assim aqui como mais adiante, case inteiramente com o que vemos hoje em dia. As que andam nas costas de muitas províncias do Brasil têm o mesmo soalho de que fala Homero, com um banco alto onde os jangadeiros atam os cabos da vela. Este soalho ou tabulado é um como tombadilho, mas não comparável aos dos navios; e eu o chamara jirau, nome da língua geral dos indígenas usado para significar o objeto, se não temesse a pecha de querer acaboclar a linguagem de Homero. Pobre tradutor do poeta, já me vi metido em uma jangada na costa do Ceará, a qual saía ao mar pela primeira vez e tinha uma vela descompassada; virou-se, e tive de perder entre as grossas vagas chapéu, sapatos e meias: foi este um dos grandes perigos em que me tenho achado. A

ninfa Ino certamente não me acudiu nem me emprestou a cintura de salvação, como fez a Ulisses; mas outra jangada, maior e melhor, veio em socorro nosso, e levou-me de pés descalços a bordo do brigue português Aurora, que me transportou ao Maranhão. Os velhos gostam de memorar as suas aventuras.

148-155 — Rochefort, cujas reflexões acerca de Homero são de ordinário cordatas, é um dos seus mais insuportáveis tradutores: nesta fala, não só alambica as expressões amatórias, mas empresta ao singelo autor cousas alheias ao seu pensamento, chamando a Penélope, v. g., vulgaire objet d'une

folle tendresse; e, gabando-se Calipso da sua beleza imortal, acrescenta: Car j'ai lieu de penser que mon air et mes traits, @e sont point au dessous de ses faibles attraits. Busquei nada emprestar ao poeta: coteje o leitor paciente o original com as nossas duas traduções.

193-195 — Calipso não só meteu num surrão os mais necessários comestíveis, mas também num saco vários manjares delicados ou acepipes. Em vez de seguir o original nestas interessantes miudezas, traz Rochefort os seus dous versos: Tout chargé des présents qu'une amante attendrie Remet, en soupirant, à l'amant qui l'oublie. E explica em nota quais eram os presentes, dizendo que os suprimia, porque o francês não podia exprimir tais particularidades! M. Giguet e outros modernos têm mostrado quão fútil é a censura que

era moda fazer à língua francesa.

206 — Afirmam que o rinón do original é uma nuvem, e termo da língua dos Ilírios; mas Homero não escreveu nessa língua. Podia a ilha Esquéria, ou seja Corfu ou qualquer outra, apresentar-se a Ulisses por algum lado que tivesse a figura de um escudo; ao menos é o que diz o poeta. Junto a Santos no Brasil há uma ilha que chamam a Moela, por ter a forma deste estômago das aves depois de aberto e como costuma vir às mesas; uma das maravilhas do nosso globo, é o agregado de montanhas do Rio de Janeiro que todas juntas representam um gigante deitado: que impossibilidade há de oferecer uma ilha a figura de um escudo? A maior parte dos tradutores cingem-se a este sentido.

359 — Opinei, em nota à Ilíada, que éphineòs não era em geral figueira brava, mas uma chamada baforeira: aqui opino que phuliès também não é figueira brava em geral, mas aquela que os Latinos dizem olester, e nós dizemos azambujeiro ou zambujeiro ou zambujo. Os que traduzem não especificadamente são obrigados a confundir as duas árvores, isto é, a que Homero denomina éphineòs com a que denomina phuliès: quem traduz os antigos deve ser escrupuloso nestas particularidades, que, não sendo sempre essenciais, podem sê-lo algumas vezes.

LIVRO VI

Enquanto lasso e grave

Ulisses dorme, Corre
Minerva ao povo dos
Feaces, Que antes
moravam na espaçosa
Hipéria. De arrogantes
Ciclopes infestada.

5

À Esquéria os trouxe o
divo Nausítoo, De
homens cultos remota; ali
fez muros, Casas e
templos, dividiu seus
campos. Desce a Dite, e
por numes instruído O
substitui Alcino: aos
paços deste

10

Palas de Ulisses foi
dispor a entrada. Na
câmara dedálea de
Nausica,

Na beleza e no porte
sobre-humana, Régia
virgem, como aura
introduziu-se, Bem que,
êmulas das Graças, duas
servas 15

Lá de uma e outra
banda repousassem Às
reluzentes e cerradas
portas.

A eqüeva amiga da princesa, filha

Do marítimo Dimas afamado,
Ela imitando, à cabeceira clama:

20

“Lenta a mãe tua te pariu,
Nausica? Descuidas-te da
roupa, e as núpcias instam;
Para ti mesma e a comitiva
toda,

Hás mister os vestidos
mais formosos: Ganhas
assim renome, dás
contento 25

Aos genitores teus.
N'alva, a caminho, O
mais depressa
lavaremos juntas;

Pois longo tempo não
serás donzela:
Pretendem-te os melhores
dos Feaces, Da mesma
estirpe tua. Ao rei mus
pede, 30

Carroça que amanhã
transporte os cintos,
Peplos e mantos: ir a pé
mau fora;
Distam muito os lavacros
da cidade.” Advertida a
princesa, a déia ascende
À beata mansão, que
deleitosa

35

Nunca ventos açoutam,
regam chuvas, Ou neve
asperge; onde ar sereno e
limpo, Onde vivo
esplendor eterno brilha.

A Aurora apoltronada esperta a jovem,
Que, atravessando as
casas, vai comota 40

Ao pai contar o sonho e
à mãe augusta: Ela, ao
fogão, fiava lã purpúrea
Entre as servas; tardio, ele à soleira,
Para o grande conselho ia saindo.

A filha o atalha: “Genitor amado,
45

Mandas-me aparelhar carroça leve,
Onde carregue à fonte as
pulcras vestes Que cujas
guardo? Em conferências
cumpre Estares com asseio
ante os senhores;

De cinco filhos teus, são
dous casados, 50

Mas lépidos os três querem solteiros
De lavado ir à dança: eu tudo avio”.

Cala as núpcias ao pai, que
assaz percebe: “Nada, filha,
te nego; ágil carroça

Terás de taipas cinta”. Ao
mando, os pajens 55

Tiram-na fora e os mus, que
ao jugo prendem. Ela do

plauastro ao leito a roupa desce;
Vários manjares traz a mãe
num cesto, Com sobremessa e
um odre bom de vinho; À filha,
já montada, uma áurea entrega
60

Redoma de óleo, que as
perfume. A jovem Brida
flagela os mus, que
estrepitosos A carga e o flóreo
bando arrebatavam. Junto ao
rio, onde há poças de água
pura Que a sordidez expurga,
os brutos soltam 65

Nas margens a pascer melosa grama
Tiram a roupa, acalcam-na à porfia
Dentro das covas,
torcem-na, enxaguada A
estendem pela praia, onde os
seixinhos Tinha alvejado o
mar. Enquanto a enxugam 70

Ao Sol fulgente,
banham-se elas mesmas,
E de óleo ungidas à
ribeira jantam.

Fartas já de comer, as
toucas despem E à
pela jogam; doce
cantilena

Entoa a bracicândida Nausica.

75

Se, no excelso Taígete

cu no Erímanto, Javalis a
caçar e gamos leves,
Das de Jove escoltada
agrestes ninfas, Se
diverte a frecheira irmã
de Febo;

Com prazer de Latona, alta cabeça,

80

Entre as belas belíssima se estrema:
Tal as outras supera a intacta virgem.
Mas, jungida a parelha para a volta,
A roupa elas dobravam,
quando Palas Traça a
maneira por que veja
Ulisses

85

A que aos Feaces conduzi-lo deve.
Eis a princesa a uma atira a pela,
Que errada cai no pego; as
moças gritam, E Ulisses,
despertando, em si discursa:
“Ai de mim! que mortais aqui
se alvergam? 90

Bárbaros são, injustos e ferozes,
Ou tementes aos deuses
e hospedeiros? Senti
femínea voz, talvez de
ninfas
Que habitem nestes
coles, nestas fontes,
Nestes ervosos lagos.
Inquiramos

95

Se homens são porventura e
conversáveis”. Com mãos
inchadas quebra um denso
ramo Que os genitais encubra,
e da espessura Sai qual montês
leão, que, em si fiado, Arrosta o
vento e a chuva, e de olho em
brasa 100

Cães e ovelhas comete e
agrestes corças; Mesmo a
curral seguro o ventre o
impele: Tal, em nudez
forçada, à companhia

Pulcrícoma o varão se apresentava
Horrível da salsugem, dele fogem

105

Por entre as ribas: só de
Alcino a jovem, Por
Minerva animada, o encara
afouta. Reflete o sábio se
lhe abrace as plantas, Ou
rogue-lhe de longe que um
vestido Preste e a cidade
ensine: e, receoso

110

De lhe ofender o pejo, este segundo
Meio prefere e brandamente implora:
“Deusa ou mulher,
suplico-te, ó rainha. Se
és íncola do Olimpo,
representas

Em talhe e porte esbeíto a grã Diana,
115

Prole de Jove sumo; se és terrestre,
Oh! três vezes teus pais e
irmãos felizes, Que
alegras nas coréias
graciosas!

De todos felicíssimo o que à cheia
Casa te guie bem dotada e rica!

120

Nunca de sexo algum
meus olhos viram Tão
formoso mortal: admiro e
pasma. Nesta rota
sinistra, eu fui-me a
Delos

Com boa gente, e ao pé
crescia da ara Apolínea
um renovo de plameria,

125

Cujo aspecto
assombrou-me; eu não
pensava Que maravilha tal
brotasse a terra:

Assim, mulher, me
espantas, nem me atrevo
Nesta grave miséria, os pés
tocar-te.

Pós dias vinte que da ilha Ogígia

130

Flutuava em borrascas, enfim ontem
Um deus cá me aportou,

para outros males; Inda os
Céus não cansaram de
afligir-me. De mim tem dó,
rainha, a ti primeira
Na desgraça recorro; uma alma viva

135

Eu não conheço:
aponta-me a cidade; Se o
tens acaso, um roto ou
velho pano Dá que me
esconda as carnes. Justos
numes Te concedam,
senhora, o que desejas,
Marido e paz doméstica e
família:

140

Do acordo conjugal nasce a ventura;
Tudo medra, os consortes
são ditosos; Causa prazer
aos bons e aos maus
inveja”. E a cândida
Nausica: “Hóspede, ignóbil
Nem insano te julgo. A seu
falante

145

Aquinhua os mortais o
Olímpio Jove: Se te
coube o infortúnio, a
frente acurva. Já que
abordaste aqui, terás
vestidos
E o que pede um

mesquinho suplicante.
Vou guiar-te à cidade;
habito nela

150

E em seu distrito o
povo dos Feaces. Filha
me honro de Alcino
generoso,
Que tem do império o
cetro soberano”. Vira-se
à comitiva: “Olá! criadas,
Fugis deste varão, como inimigo?

155

Ninguém nos hostiliza;
aqui num cabo Do undoso
campo, sem comércio
externo, São dos deuses
validos os Feaces.

Um triste peregrino, o
envia o Padre, Aos pobres
compassivo; a contentá-lo

160

Tênue dom basta. Ao nosso,
ó companheiras, Dai bebida
e comer; do rio em parte
Ide-o banhar dos ventos abrigada.”

Param; mútuo
exortando-se, o conduzem Ao
prescrito lugar, e apõem-lhe e
entregam 165

Manto, as mais vestes, a
redoma de ouro, E a

meter-se o convidam na
corrente. Mas o divino
Ulisses: “Apartai-vos,
Quero mesmo limpar-me da
salsugem, E o que há muito
não faço, ungir-me de óleo:
170

Temo lavar-me todo nu, de moças
Ofendendo o pudor.” — Elas
se afastam E o contam à
contam à senhora. Imundas
costas, Cabeça e largos
ombros, ele esfrega;
Veste o que a virgem dera,
enxuto e ungido. 175

Maior o torna e mais robusto Palas,
Solta-lhe a coma ondada e semelhante
À jacintina flor; qual fabro exímio,
Que ela mesma adestrara
e o coxo mestre, Graça lhe
imprime na pessoa a déia.
180

Marcha, e à praia sentado,
em gentileza
Resplandecia; às aneladas
servas
Diz absorta a senhora: “Albinítes
Companheiras, ouvi-me: sem mistério
Não veio o herói; vulgar
primeiro o cria; 185
E aos numes o comparo.
Oh! se eu tivesse Tal

marido, e na Esquéria nos
ficasse!

Vós do que houver servi-o.”

Assim fizeram. Por tão

longo jejum, sôfrego Ulisses

Come e bebe; e Nausica bracinívea

190

Na carroça depõe dobrada a roupa,

Os ungüíssonos ata, monta, amoesta

O alto varão: “Sus,

hóspedes, à cidade; Ao

paterno palácio te

encaminho,

Onde os magnatas acharás Feaces.

195

Razoável te suponho, isto executes:

Por agros e plantios, eu diante,

Com minhas servas anda após o carro;

Mas retém-te às muralhas da cidade,

Que dous portos possui

de estreita boca 200

Lá vara cada um na sua estância

O açoutado baixel. Medeia aos portos

Largo foro, com lajes das pedreiras

Dos contornos calçado,

e nele o templo Alteia de

Netuno. Ali conservam

205

Mastros, cabos, maçame,

e remos talham; Que os

Feaces não curam de arco

e aljava, Sim de antenas e

velas, que bizzarros
Pelo espumoso pélagó os naveguem.
O pé digo reprimas; que, insolente

210

Como é do bairro a plebe, a
desluzir-me Algum pode
morder-me: — “Olhai
Nausica; Segue-a gentil
estranho apessoado;
Será marido? Perto nenhum mora;
De um navio errabundo o ajuntaria?

215

Ou deus será do Olimpo
que, a seus rogos Baixe e lhe
assista sempre? É bom que
fora Fosse-o tomar; que os
muitos que a desejam Da
Feácia nobreza, ela os
despreza.” Desta afronta e
censura hei de correr-me; 220

E em caso igual censurarei aquela

Que, a despeito dos pais,
antes das núpcias, Com
homens se mostrasse.
Hóspede, à risca Preenche o
meu conselho, a fim que
obtenhas Do rei gente e
socorro e pronta volta. 225

No caminho, alameda
encontraremos, Luco
Paládio, e fonte e em roda
prados, Onde meu pai tem

quinta e flóreos hortos, E
dali à cidade em grito
alcança:

Neste lugar espera, e quando penses

230

Que é tempo já de
estarmos recolhidas,
Entra no muro, indaga
onde o palácio Do
magnânimo Alcino; outra
morada Os Feaces não
têm que a rivalize,

E um menino qualquer
pode ensinar-ta. 235

Do átrio penetres velozmente à sala,
E busques minha mãe:
sentada ao lume Do
aceso lar, é maravilha
vê-la

E detrás dela escravas; encostada
Ao pilar, volve um fuso purpurino.

240

Próximo está meu pai
qual deus, no sólio Almo
vinho gostando: o rei
pretiras,

E os joelhos abraça da consorte,
Para que da partida a luz te raie;
Por distante que habites,

se a comoves, 245

Ver conta a celsa casa e a
doce pátria.” Ei-la verbera

os mus, que o rio deixam À
desfilada, airoso o passo
alternam; Mas de jeito regia
o açoute e as rédeas, Para
os a pé de vista a não
perderem. 250

Cai o sol; ao delubro de Minerva
Demorando-se Ulisses, a depreca:
“Do aluno de Amaltéia,
ouve-me, ó filha! Se tu
não me atendeste quando
jogo
Fui do ínclito Netuno,
atende-me ora, 255

Dá que os Feaces mísero
me amparem.” Palas o
escuta, sem que lhe
apareça, Com temor de
seu tio, que iracundo
Até Ítaca mesma há de vexá-lo.

NOTAS AO LIVRO VI

42-66 — Alguns vertem que Nausica achou o pai ao limiar, a partir, com os outros chefes para o conselho, onde os Feaces o esperavam: eu com Pindemonte, verto que ela o achou ao limiar a partir para o conselho, onde o esperavam; porque, sendo madrugada, é inverossímil que os magnatas fossem tão cedo incomodar a Alcino. — Note-se que este costume de bater com os pés a roupa dentro d’água, dura ainda na mourama, v. g. em Túnis: muitos costumes dos tempos homéricos, uns

conservam-se no Oriente, e não poucos no Ocidente.

96-102 — Tomam pacheiè por forte: creio que o adjetivo grego, significando propriamente grosso ou gordo, aqui não quer dizer forte mas inchado; porque Ulisses deixou a pele das mãos ao rochedo a que esteve agarrado, e elas deviam estar inflamadas ou inchadas, sentindo que mais se aproxima ao próprio: certo é que isto mesmo demonstra a sua fortaleza, todavia por uma indução e não diretamente. M. Giguet, com escrúpulo talvez de servir-se do correspondente ao nosso termo genitais, verte que Ulisses cobriu com o ramo a sua nudez, e logo adiante que, malgré sa nudité, veio ter com as moças: ora ou ele não cobriu a sua nudez, ou não veio ter com as moças nu. Quem seguir o texto, solve esta contradição: Ulisses com o ramo cobriu os genitais, e apesar da nudez dos outros membros, apareceu forçado a Nausica e às servas. Não tenho escrúpulo de usar do termo próprio, que não encerra obscenidade alguma: obscenas são as palavras que, ao declararem a cousa, indicam em quem as profere uma torpe e maligna intenção. O nosso épico, na estância XVIII do canto sexto, acerca de Tritão nos diz: “O corpo nu e os membros genitais”.

128 — No hemistíquio do verso 169, a que este meu corresponde, alguns põem um ponto final, e tomam o segundo hemistíquio, principiando pela palavra chalepon, como cousa inteiramente separada: cuido, ao contrário, que um se refere ao

outro, e que a palavra penthos não comemora todas as misérias de Ulisses, mas unicamente a de ver-se obrigado a falar a uma senhora no vergonhoso estado em que se achava. Isto é mais da situação, e mostra o grande respeito do herói para com mulheres jovens e pudicas.

236-239 — Estes versos, com leve mudança, os traz Filinto em uma nota ao livro I dos Mártires. Sempre que tamanho mestre houver traduzido uma passagem de Homero, de seus versos me aproveitarei, e das suas frases principalmente.

LIVRO VII

Ora o sofrido herói;
marcha a carroça, Pára
Nausica ao pórtico
soberbo:

Os irmãos seus deiformes,
que a rodeiam, Os mus
disjungem, dentro a carga
levam. 5

Ela à câmara sobe: o fogo acende
E a ceia lhe concerta Eurimedusa,
Do Epiro transportada em
naus remeiras, Pelo povo
escolhida em recompensa
Para o potente Alcino, dos
Feaces

10

Como um deus adorado;
a qual na régia Nutriz foi
da donzela, e é

camareira. Ergue-se
Ulisses, e a propícia déia
O embuça em névoa
grossa, que insultá-lo E
ofender ninguém possa, nem
detê-lo 15

Ou quem seja inquirir;
mas, da risonha Cidade
ao começar, vem Palas
como Rapariga de
cântaro à cabeça,
E o Laércio a interroga:
“Filha, queres Conduzir-me
de Alcino aos reais paços?
20

Estrangeiro e infeliz, de
longe arribo; Nem do lugar
um morador conheço.” “Sim,
respeitável hóspede,
responde; Meu bom pai fica
perto. Abro o caminho; Tu
cala-te, que a turba hostil e
acerba 25

Não sofre nem festeja os
forasteiros. Tal gente, ousada
nas talhantes quilhas, Os
mares trana, pois lhas deu
Satúrnio Velozes qual a pluma
e o pensamento.” Ela avança,
ele a segue. À chusma oculto
30

Marítima perpassa, que Minerva

Lhe difundia divinal caligem:

Os portos vai mirando e
as alterosas Naus e o foro
e as muralhas estupendas
Com valos guarneçadas.

Mas, vizinhos 35

Ao paço, adverte a guia
olhicerúlea: “Dentro,
hóspede e senhor, de Jove
alunos À mesa
encontrarás. Anda e não
temas; O audaz e franco,
donde quer que chegue,
Vence embaraços. A

rainha busques, 40

A quem de Areta cabe
o grato nome, E é da
real prosápia do
marido.

Eurimédon feríssimos gigantes
Altivo dominava, e o duro povo
Com ele pereceu; de Peribéia,

45

Menor filha e a mais
guapa, houve Netuno O
bravo Nausítoo, aqui
reinante,

O qual foi pai de Rexenor e Alcino;
A Rexenor matando o Arcitenente,
Ele deixou, casado era de fresco,

50

Não masculina prole, única Areta;

Com Areta esposou-se o tio Alcino.
Mais honrada não há
matrona alguma Dos
caros filhos, do consorte
mesmo; Quando
passeia, divindade a
julgam

55

E de seus lábios as palavras colhem;
Boa e inspirada, os
cidadãos congraça.
Rever esperes, se te for
benigna,
Os amigos e a pátria e a celsa casa.”

Pelo ponto infrugífero,
eis Minerva 60

Da Esquéria amena parte, e
se dirige A Maratona e
Atenas de amplas ruas, De
Erecteu sobe o alcáçar. Ao
de Alcino, Sem que o límen
transponha, tem-se Ulisses
A cogitar. Magnífico palácio

65

Como o Sol fulge e a Lua:
éreas paredes Firmam-se
em torno, da soleira adentro,
Com seus frisos de esmalte,
áureas as portas, Argênteos
os portais ao brônzeo
ingresso, Argênteas vergas,
a cornija de ouro;

De ouro e de prata uns
cães, de lado a lado, Com
alma e coração, Vulcânio
invento, São de Alcino os
custódios vigilantes,
Imortais e à velhice não
sujeitos;

Para o interior há tronos
desde a entrada, 75

Com finos véus de mãos
femíneas obra, Onde em
redor assentam-se os
magnatas A comer e
beber, durante o ano;

Com primor fabricados,
junto às aras Mancebo de
ouro estão, de acesos
fachos 80

A alumiar de noite os conviventes.
Servem cinqüenta moças:
quais, em pedra Flavo
trigo a moer; quais, aos
teares;

Quais, a virar num
rodopio os fusos, Como
do álamo as folhas
buliçosas. 85

Untado e bem tecido o linho estila:
Tanto os Feaces
navegando excelem, Quanto
as mulheres têm, mercê de

Palas, Para a teia e o lavor
engenho e arte. Não
distante, há vergel de quatro
jeiras, 90

Onde florentes árvores viçosas,
De inverno e de verão,
perene brotam; Zéfiro
meigo lhes sazona os
frutos, Um pula, outro
arregoa, outro envelhece.
Nova sucede à pêra já
madura;

95

À escachada romã sucede nova;
Esta oliva é de vez,
rebenta aquela; Junto à
maçã vermelha a verde
cresce; Figo após figo,
mela, uva após uva. Medra
abundante vinha: em área
cachos 100

Estão secando ao Sol,
quais se vindimam, Quais
pisam-se em lagar; doces
roxeiam, Ou no
desflorescer acerbos
travam. O arruado pomar
fenece em horta,
De verduras mimosa
em toda quadra. 105

Pelo inteiro jardim corre
uma fonte; Jorra ao pátio a

maior ante o palácio, Donde
bebe a cidade. Eis quanto os
numes Ao nobre Alcino em
casa prodigaram. Ulisses
mira e pasma, e na caligem
110

Paládia envolta, a limiar
transpondo, Acha-os
libando a Hermes
negocioso, Brinde final
dos que do leito curam; E
mal, vizinho ao rei, da
augusta esposa Às
plantas cai, a nuvem se
dissipa.

115

Todos o encaram mudos,
e ele exclama: “Filha de
Rexenor, divina Areta,
Mísero eu te suplico e a
teu marido E aos mais
senhores: oxalá que
extensa Vida obtenhais e
transmitir à prole

120

Bens e fortunas que vos
der o povo! Breve porém
mandai-me à pátria
minha; Fora dos meus
padeço há largos anos.”
Nisto, ao fogão sentou-se
no cinzeiro. O silêncio

reinava, até rompê-lo

125

Equeneu venerando, o mais idoso
Dos Feaces heróis, mais eloqüente,
Mais douto no passado,
e orou sisudo: “O
hóspede, Alcino, ali
jazer na cinza

É pouco honesto; o aceno os
mais te aguardam 130

Em sede claviargêntea, eia,
o coloques; Vinho manda
infundir, para ao Fulmíneo,
Que assiste a honrados
hóspedes, libarmos; Já,
ministrei-lhe ceia, a
despenseira.”

E o rei pega do sábio, em
trono o assenta 135

Resplendido, que próximo ocupava
O forte e amado filho seu Laodamas.
Serva em bacia argêntea às
mãos verte água De áureo
gomil, desdobra e espana a
mesa; Pão traz modesta
ecônoma e iguarias

140

Novas, que às encetadas acrescenta.
Come Ulisses e bebe, e o
rei com força: “Mistura, tu
Pontono, e da cratera
O vinho distribui, para ao Fulmíneo,

Que assiste a honrados
hóspedes, libarmos.” 145

O arauto o brando vinho
que mistura. Em copos
vaza e o distribui aos
chefes. Depois Alcino:
“Egrégios conselheiros,
Ide saciados repousar,
vos digo.

Os antigos do povo amanhã venham;
150

Em festejo hospital ofereçamos
Completo sacrifício às divindades;
Em seguida curemos de que alegre
Ele, por mais remota, à pátria aborde,
Sem moléstia nem

danos; acautelemos 155

Qualquer mal no caminho.
Já na terra, Sofra as penas
que as Parcas lhe fiaram
Desde o materno ventre. E
a ser do Olimpo Habitador,
mistério aqui se encobre:

Deuses muito há que a
nós se manifestam; 160

Conosco, nas solenes hecatombes,
Demoram-se ao
banquete; e se um Feace
Os depara viandante, não
se escondem, Pois neles
entrocamos, como as
tribos De Ciclopes cruéis,

gigantes rudes.”

165

“Alcino, o herói tornou,
perde essa idéia: Aos
celícolas tu não me
confrontes

Em índole e presença;
humano e frágil, Ao mais
triste mortal sou
comparável, Nem te posso
explicar quanto infortúnio

170

Tem sobre mim os deuses carregado.

Mas, da mágoa apesar,
deixa que eu ceie; O
estômago importuno se
agulha, No meio da aflição
me pica e lembra O comer e
o beber, dá trégua às penas.

175

N'alva expedi-me: ao ver,
pós tantas lidas, Minha
terra e família e doces
lares, Acabe-se esta luz ali
comigo.”

Aplaudem-no os
Feaces, confiando Que o
disserto orador o intento
logre, 180

E trás farto libar foram-se ao leito.

O herói fica-se e Areta e
o rei divino, E as servas a

baixela entanto arrumam.
Logo Areta, que as obras
reconhece Dela e da gente
sua: “A interrogar-te 185

Primeira, hóspede, sou.
Quem és e donde? Como
houveste essa túnica e esse
manto? Não dizes tu que
náufrago abordaste?”

“Narrar-te já, responde,
quantos males, Senhora, o
Céu vibrou-me, é mui difícil;
190

Mas ao que me perguntas
satisfaço. De humanos e
mortais mora apartada, Na
Ogígia ilha do alto mar,
Calipso, De Atlante gérmen,
de encrespada coma,
Ardilosa e tremenda; ali mau
gênio 195

Lançou-me só, desfeito
havendo Jove A raio a
embarcação no escuro
abismo, Onde os meus
nautas soçobraram todos.
Por nove dias, aferrado à
quilha,

De vaga em vaga, ao
décimo de noite 200

A praia toco. A ninfa carinhosa
Me tratou, me nutriu,

velhice e morte Quis
tolher-me, e abalar-me
nunca pôde. Firme reguei
de choro as dadas roupas
Incorruptíveis; mas, de Jove
ao mando 205

Ou volúvel, no curso do
ano oitavo A partir me
exortou numa jangada,
Pão forneceu-me e vinho
e odoras vestes, Favônias
a invocar-me auras
suaves. Aos oito sóis de
undívaga derrota,

210

Vossa alta umbrosa terra
apareceu-me, E no peito
exultei. Mas ai! Netuno,
Insensível ao pranto, em
furor sempre, Com vastas
brenhas de surdir me
impede, E a barca um
vagalhão me desconjunta.